

UNIVERSIDADE ESTADUAL O PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EM LETRAS

MÁRCIA ANGÉLICA PONTES DA SILVA

**MEMÓRIAS E ESPAÇOS RENITENTES EM *POR PARTE DE PAI*
E O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ, DE BARTOLOMEU
CAMPOS QUEIRÓS**

MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERESINA
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EM LETRAS

MÁRCIA ANGÉLICA PONTES DA SILVA

**MEMÓRIAS E ESPAÇOS RENITENTES EM *POR PARTE DE PAI*
E O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ, DE BARTOLOMEU
CAMPOS QUEIRÓS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa Literatura, Memória e Relações de Gênero.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos

TERESINA

2018

S586m Silva, Márcia Angélica Pontes da.

Memórias e espaço renitentes em *Por parte de pai e O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos Queirós / Márcia Angélica Pontes da Silva. - 2018.
89 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Mestrado Acadêmico em Letras, 2018.

Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero.

“Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.”

1. Memória. 2. Espaço. 3. Bartolomeu Campos Queirós. I. Título.

CDD: B869

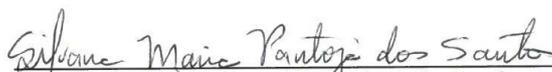


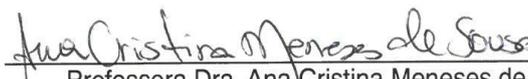
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

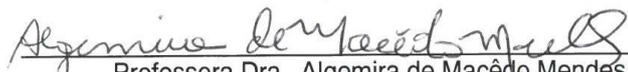
TERMO DE APROVAÇÃO

MEMÓRIAS RENITENTES EM POR PARTE DE PAI E O OLHO DE VIDRO DO MEU
AVÔ, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS
MÁRCIA ANGÉLICA PONTES DA SILVA

Esta dissertação foi defendida às 09h, do dia 22 de outubro de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ... APROVADO (Aprovado, não aprovado).


Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos – (UESPI)
Orientadora


Professora Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa
1ª examinadora – UESPI


Professora Dra. Algemira de Macêdo Mendes
2ª examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:


Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras
da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha, Maria Vitória, amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter guiado meus passos e iluminado meus caminhos;

À professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos, pelo compromisso, paciência e humildade em compartilhar seu conhecimento. Agradeço, ainda, pelo profissionalismo com que me orientou;

Aos membros da banca, professora Dra. Algemira de Macedo Mendes e professora Dra. Ana Cristina Meneses.

À minha filha, Maria Vitória, amor de minha vida, minha força e inspiração; ao meu esposo, por ter permanecido ao meu lado, incentivando-me a percorrer este caminho e por compartilhar angústias e dúvidas, estendendo-me sua mão amiga em momentos difíceis.

A meus pais, pelo exemplo de força, determinação e fé; pelo incentivo de uma vida inteira; pelo seu amor incondicional que me devotaram.

Às minhas irmãs, pelo amor, apoio, confiança e motivação incondicional, o que sempre me impulsiona em direção às vitórias nos meus desafios.

À minha amiga Fabíola, pelo seu carinho, acolhimento e por ter me incentivado a continuar seguindo em frente, na constante busca pelo conhecimento.

Aos queridos amigos da turma VI Turma, do Mestrado Acadêmico em Letras – UESPI, *Les Chats*.

À Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e aos professores do Mestrado Acadêmico em Letras.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS E A CRÍTICA	14
2.1 Bartolomeu Campos Queirós: reflexões sobre sua obra	14
2.2 O escritor e o universo infantil.....	20
3 ASPECTOS MEMORIALÍSTICOS E O ESPAÇO	26
3.1 Dimensão da memória: discutindo conceitos	26
3.2 Espaço e memória: conexões possíveis.....	40
3.3 Lembranças da infância no processo de rememorar.....	50
4 POR PARTE DE PAI E O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ: MEMÓRIAS RENITENTES	58
4.1 O olho de vidro do meu avô e Por parte de pai: amparo das lembranças	58
4.2 A casa e seus micro-espacos: refúgios da memória	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERENCIAS.....	87

É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria de novamente lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles. E a palavra – basta uma só palavra – é flecha para sangrar o abstrato morto. Há, contudo, dores que a palavra não esgota ao dizê-las.

Bartolomeu Campos de Queirós

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar o processo de rememoração dos narradores-protagonistas das obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, do escritor mineiro Bartolomeu Campos Queiros. De expressão reconhecida, Queiroz tem dado contribuições relevantes à literatura brasileira contemporânea. Propõe-se, na pesquisa, a identificação de elementos constitutivos da memória individual e coletiva. No percurso memorialístico as narrativas trazem as miudezas do cotidiano de um infanto-narrador, em contextos de vida na companhia dos avós. Sendo a memória a capacidade de conservação das lembranças, procura-se investigar os seus desdobramentos para a formação dos sujeitos que se pronunciam. Identifica-se que este autor nas narrativas direciona suas reflexões para o resgate do passado. Logo, para tal abordagem, pautou-se no pensamento de Halbwachs (2006), Le Goff (2003), quanto às discussões sobre memória; Bachelard (2008), quanto ao enfoque nos espaços dos afetos que guardam lembranças; dentre outros, capazes de suscitar visões que confirmem que a rememoração contribui para repensar o presente. As obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* apresentam uma linguagem poética que arremata as emoções, ultrapassa tempo e espaço, toca as memórias, remexe e deixa transbordar sensações. As memórias dos narradores das obras em questão idealizam e sacralizam a infância, transformando-a em um processo de descoberta, particularizando as variáveis como memória e narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Espaço. Bartolomeu Campos Queirós.

ABSTRACT

This research aims to analyze the process of recaptulation of the protagonist-narrators of the literary works *Por parte de pai* and *O olho de vidro do meu avô* by Bartolomeu Campos Queiros, a Brazilian renowned writer from Minas Gerais. Queiros has given significant contributions to contemporary Brazilian literature. It is proposed in the research the identification of constitutive elements of individual and collective memory. In the memorialistic course the narratives bring the trivial details of the daily life of a child-narrator, in contexts of life in the company of his grandparents. Since memory is the capacity for preservation of reminiscences, it is sought to investigate its consequences for the formation of the subjects who utter themselves. It is identified that this author directs his reflections to the rescue of the past. Therefore, for such an approach, it was based in the ideas of Halbwachs (2006) and Le Goff (2003), as well as the discussions about memory from Bachelard (2008), regarding the focus in the spaces of affections that keep memories; among others, capable of eliciting visions which confirm that recaptulation contributes to rethink the present. The works “*Por parte de pai*” and “*O olho de vidro do meu avô*” show a poetic language that finalizes arranging the emotions, exceeds time and space, touches the memories, stirs and lets overflow sensations. The memories of the narrators of the works in question idealize and sacralize childhood, transforming it into a process of discovery, particularizing the variables as memory and narrative.

KEYWORDS: Memory. Space. Bartolomeu Campos Queirós.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, em várias vertentes, sugere o entendimento de que seus campos de atuação e suas abordagens têm fundamental significação para a construção de sujeitos políticos, sociais e culturais, conscientes de suas participações coletivas dentro da esfera histórico-ideológica.

Bartolomeu Campos Queirós construiu personagens em torno da temática memorialística que converge nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*. Assim, em ambas narrativas, será dada relevância ao menino-narrador e suas lembranças de infância que envolvem os espaços de vivência e membros da família.

O escritor e poeta Bartolomeu Campos de Queirós viveu sua infância em Papagaio, uma cidade localizada no interior de Minas Gerais. Escreveu vários livros e peças teatrais para crianças, conciliando arte e educação. O escritor começou a publicar suas obras em 1970, inaugurando sua carreira com o livro *O peixe e o pássaro* (1974). Posteriormente, vieram outras obras, tais como: *Pedro* (1981), *Onde tem bruxa tem fada...* (1979), *Fada afiada* (1997), *Ciganos* (1982), *Flora* (2001), *Indez* (1986), *Correspondência* (1986), *Por parte de pai* (1995), *Minerações* (1991), *Apontamentos* (1989), *As patas da vaca* (1989), *Diário de classe* (1992), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996), *O olho de vidro do meu avô* (2004), dentre outros.

O autor conquistou os mais importantes prêmios, no Brasil, pelo seu dedicado trabalho à literatura, a saber: Selo de Ouro da Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil, Prêmio Prefeitura de Belo Horizonte, Prêmio Bienal Internacional de São Paulo, O melhor para jovem, Prêmio Jabuti da câmara Brasileira do Livro, Grande Prêmio da APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte, Prêmio Orígenes Lessa - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Diploma de Honra do IBBY, Quatrieme Octogonal – França, Rosa Blanca de Cuba, Bienal de Belo Horizonte.

Os narradores das obras em questão apresentam uma pluralidade de espaços revividos, que são rememorados, a partir das impressões de um eu distanciado no tempo. Descrevem as minuciosas características dos espaços, dos lugares onde foram protagonizados os momentos da infância, assim vão

tentando compreender a si mesmos, a partir do contexto de outrora e resgatam um mundo afetivo, repleto de emoções.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de rememoração nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, do autor mineiro Bartolomeu Campos Queiros. Como objetivos específicos, destacam-se: Discutir sobre a importância dos espaços de vivências para o narrador personagem; Identificar elementos constitutivos da memória individual e coletiva nas obras em questão; Analisar de que modo as lembranças impactam o narrador personagem no processo memorialístico e na formação do sujeito.

A obra *Por parte de pai* foi publicada em 1995, pela Editora RHJ. Como escrita das memórias de infância, enfatiza a época em que o menino vivera na cidade de Pitangui/MG, em casa dos avós paternos, Joaquim e Maria Queirós. A paixão do avô pela escrita, o seu hábito quase religioso de escrever todo e qualquer acontecimento pessoal e da cidade, nas paredes da casa, o amor silencioso entre o neto e o avô, os momentos felizes de interação com os irmãos, o convívio com a mãe e suas brincadeiras, o aconchego e a segurança proporcionados pelo pai são matérias que refletem as lembranças do infanto-narrador.

A segunda obra, *O olho de vidro do meu avô*, foi publicada em 2004. Apresenta ao leitor a história de um menino que ficava imaginando os mistérios escondidos atrás do olho de vidro de Sebastião, o avô materno. Em várias passagens, o narrador personagem questiona-se sobre o que pode visualizar o olho de vidro, porém são latentes a proteção e o carinho que sente ao lado do avô. Por meio da linguagem do olhar, os dois se relacionam afetuosamente, mas de forma emudecida. Os segredos por trás do olho de vidro perpassam as dúvidas do neto que levam o leitor a participar da história por meio da imaginação e das experiências do narrador.

A pesquisa é bibliográfica, de caráter exploratório. Fundamentada nos estudos dos seguintes autores: Halbwachs (2006), que discute os tipos de memória em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual; Le Goff (2003), que busca reconstruir os conceitos de história e memória; Bachelard (2008), apresenta discussão em torno do espaço. As obras serão analisadas a partir dos elementos da narrativa, com especial atenção à voz *narradora*. Buscar-se-á também o entendimento da configuração do espaço e

sua ligação com a memória, tanto individual como coletiva, bem como sua importância no enquadramento e construção da própria identidade.

Por parte de pai e *O olho de vidro do meu avô* são obras permeadas de reflexões acerca da infância, sendo esta idealizada em um tempo nostálgico, em confronto com conflitos internos vividos pelo infante-narrador, tais como o medo, a solidão, angústias e rejeições. O narrador recorda espaços do imaginário coletivo, como a casa dos avós, com seus microespaços que guardam referências e constitui o espaço agregador das memórias da infância. Há uma relação desse espaço com as cenas vividas. Nelas ficam as recordações e imagens que o tempo guardou.

Metodologicamente, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo intitulado *Bartolomeu Campos Queirós e a crítica*, trata da construção literária do autor, remetendo a pesquisas que colocam o autor em evidência. Nesta seção, também é possível refletir sobre a importância da obra de Bartolomeu Campos Queirós no fazer literário, como uma atividade social que reflete e veicula valor estético, salientando a memória e a infância como temas recorrentes.

No segundo capítulo, denominado *Os aspectos memorialísticos e o espaço*, será realizada, primeiramente, uma discussão acerca do sentido e dos conceitos de memória. Em seguida, procura-se aproximar e distinguir as lembranças da infância no processo de lembrar. Posteriormente, serão abordadas questões relacionadas ao espaço e à memória e suas possíveis conexões. A proposta é entender as revelações que se dão através da casa, que tanto em *Por parte de pai* como em *O olho de vidro do meu avô*, apresenta-se como um ambiente orgânico, dotado de pulsações para o narrador personagem.

No terceiro capítulo, intitulado — *Por parte de pai e O olho de vidro do meu avô: memórias renitentes*, discute-se o modo como o narrador de *Por parte de pai* evidencia as memórias protetoras da infância e como mostra o amparo das lembranças. Em seguida, evidencia-se o protagonista e a representação da memória, valendo-se da construção das duas narrativas, que tecem nos enredos uma multiplicidade de lembranças. Em todos os capítulos, procura-se analisar a memória e sua caracterização, como sendo capaz de alinhar a complexidade do lugar com as atitudes, sentimentos, ideologias e experiências e situação das personagens.

Assim, a memória seria portanto, um depósito amplo, de onde o indivíduo extrai os fatos vivenciados a partir de suas construções sociais.

As obras de Bartolomeu Campos Queirós *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, escolhidas como objeto de estudo neste trabalho, são capazes de exprimir a memória e seus diversos conectores. Quanto à relevância acadêmica, esta dissertação consiste na produção de novos conhecimentos, podendo contribuir para as demais pesquisas na área da literatura e memória.

A relevância social deste estudo caracteriza-se pelo respaldo conferido a Bartolomeu Campos Queirós, na sociedade. Ampliando o seu conhecimento e sua forma de produzir memória, o autor deixa um grande legado com a construção apurada que empregou no desenvolvimento dos seus textos e com uma narrativa poética, carregada de sensibilidade, que conquistou leitores das mais diferentes idades e regiões,

2 BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS E A CRÍTICA

Bartolomeu Campos Queirós oferece ao leitor o prazer do espanto com a beleza que constrói com palavras. Conversando, cativa o leitor ao fantasiar por meio do narrador, a vida. Os fios da memória, a que lembra e a que inventa, entrelaçam tempos na prosa poética que marca sua escrita. Fascinado pelas palavras, manipula, magistralmente, os seus diferentes sentidos, revelando poesia no cotidiano. Sobre a literatura de Bartolomeu Campos Queirós é importante acrescentar:

Desde o início de sua trajetória como escritor, Bartolomeu imprimiu em seus textos uma marca muito própria: a poesia. O apuro no olhar, o refinamento no uso das palavras, o cuidado na escolha das imagens. Todos esses são aspectos, próprios do universo poético, que encontramos em suas obras, independentemente da data em que foram escritas. (SOARES E PARREIRAS, 2013, p.13)

2.1 Bartolomeu Campos Queirós: reflexões sobre sua obra

A Revista *Palavra* traz um comentário de Augusto Pessôa sobre o livro “*Histórias de Bartô*”, apresenta um panorama vasto da obra de Bartolomeu Campos Queirós, com depoimentos de escritores e intelectuais que conviveram com ele. Para Pessôa:

Bartolomeu é um artesão da palavra. Seu texto é um bordado delicado feito com linhas coloridas. As palavras são escolhidas pacientemente para formar um mosaico com cheiro de bolo de fubá, de fruta colhida no pé, de credices inacreditáveis. É com intimidade que o autor descreve esse interior mineiro que se transforma em universal. É a criação poética de um mundo que, por mais que não tenhamos vivido nele, se torna particular. Torna-se nosso. (PESSÔA, 2013, p.23)

Em seu papel de educador e intelectual engajado nas questões culturais e sociais do seu tempo, Bartolomeu Campos Queirós trabalhou no MEC e na Secretaria da Cultura de Minas Gerais, atestando sua trajetória de intelectual generoso, afetuoso e firme no modo de ensinar e defender a leitura literária como direito de todo cidadão. Foi um dos fundadores e redigiu o manifesto do Movimento por um Brasil Literário, em junho de 2009.

(...) Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é

garantir a presença de tais elementos, que inauguram a vida, como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido, é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do País uma sociedade leitora. (PESSÔA, 2013, p.26)

Augusto Pessôa (2013, p. 27) guarda “histórias de amizade, histórias de vida” que envolvem e dialogam com a poética de Bartolomeu Campos de Queirós. Para ele, a prática poética e as ações literárias de Queirós atuam como guia, como cicerone ao processo de leitura das crônicas curtas, permitindo extrair, pelas histórias narradas, alguma categoria crítica básica ao entendimento das ações e práticas literárias do escritor mineiro, como prática significativa, letra, possibilidade de sentidos; como emaranhado, força, cruzamento de valores e amizade literária. Pessôa (2013), escreve a última crônica, intitulada *Frio, pijama de seda e a certeza de que eu não sei de nada*, abordando as delicadezas da obra em si. Encerra o livro reforçando esses olhares e percepções a respeito de Bartolomeu Campos Queirós:

O Bartolomeu era assim. Com a sua fala quente e mansa, de conversa gostosa à sombra de uma árvore. Ele vivia tecendo poesias, criando imagens e apresentando possibilidades. Lapidando as palavras, ele esperava o instante único de transformá-las em arte. Nem que isso demorasse anos. Com grande paciência, ele esperava o momento exato do surgimento da palavra-arte. Da palavra-poesia. Sempre com muita delicadeza. Sempre com muito cuidado” (PESSÔA, 2013, p.59).

Na obra de Queirós, são percebidas as apropriações do menino narrador reinventadas pelo autor como as brincadeiras, as interações e relações que elas proporcionam na infância. Em entrevista ao periódico *Rascunho de Literatura do Brasil* (2011), Bartolomeu Campos Queirós, afirma:

O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. Quando escrevo, por exemplo: “A casa é bonita”, coloco um ponto final. Quando você lê para uma criança “A casa é bonita”, para ela pode significar a que tem pai e mãe. Para outra criança, “casa bonita” é a que tem comida. Para outra, a que tem colchão. Eu não sei o que é casa bonita, quem sabe é o leitor. (QUEIRÓS, 2011, p. 16)

Sobre a importância da literatura, Queirós (2011), ressalta que reside em “acreditar que o cidadão possui a palavra”. O texto literário promove a palavra ao leitor. E menciona Manoel de Barros como referência de leitura:

Acho que a literatura tem a função de tornar a sensibilidade mais aguçada. As pessoas mais intuitivas, mais prontas para as minúcias, para os retalhos, como diz o Manoel de Barros, para os restos, para as pequenas coisas. (2011, p. 20)

O texto literário atrai o leitor a se dizer diante dele. Isso é o que há “de mais importante para mim na literatura”. Instigado pela literatura e pelo ensino dessa arte tão característica, Bartolomeu percorre o país explorando suas cores, sabores, cheiros e captando a essência e a simplicidade da vida, que rodeia as pessoas e toda a existência. Sobre o poder de encantar o outro com a literatura, Bartolomeu Campos Queirós (2001), em entrevista concedida à Revista Palavra, acrescenta:

A literatura é feita de fantasia. Tudo o que penso, posso escrever. Nada é inter tudo posso dizer, desde que com uma forma elegante, bem organizada. Posso até dizer “os livro”, “os peixe nada”. Posso até dizer, mas propositadamente, conhecendo uma gramática profundamente. Aí, posso dizer qualquer coisa que quero. Só rompemos quando dominamos. Caso contrário não há rompimento. É preciso uma tradição para romper. A literatura é essa coisa exagerada de fantasia. A gente só fantasia o que não temos. Não fantasiamos o que temos. Então, a literatura é feita de falta. O que escrevo é o que me falta. É isso que a literatura faz. A literatura é o lugar da falta. (QUEIRÓS, 2011, p. 17)

Fazer do país uma sociedade leitora, estendendo à população atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária, esse foi um dos princípios que norteou a criação do Movimento por um Brasil Literário, com o qual Bartolomeu Campos de Queirós se envolveu em seus últimos anos de vida, chegando a redigir, de próprio punho, o manifesto que lançou o movimento, durante a 7ª Flip, em 2009.

FNLIJ dedica o *Notícias 4*, de abril, mês do Livro Infantil, ao escritor Bartolomeu Campos de Queirós, falecido em janeiro desse ano. Para apresentar a sua candidatura ao prêmio Hans Christian Andersen, na categoria escritor, nos anos de 2008, 2010 e 2012, a FNLIJ organizou um dossiê sobre sua obra. Bartolomeu foi um dos cinco finalistas nos três anos sob análise criteriosa de especialistas estrangeiros. Com o seu jeito acanhado para falar do seu trabalho, o toque de simplicidade perpassa o dossiê. A feitura foi partilhada intensamente com ele, o que diante da sua partida nos fez querer dividir com todos os amigos da FNLIJ e leitores do *Notícias* um pouco da sua história. Neste gesto, o sentimento é apresentar algo que ele tocou, viu, opinou e concordou, apesar das reticências quando insistíamos para colocar os elogios. Por limitação de espaço, alguns textos

do dossiê sofreram cortes, mas a essência foi mantida. (FLIP, 2009, p.1)

Ao manifesto, aderiram milhares de pessoas: expoentes da literatura, educadores, formadores de opinião e também contadores de história, cantadores, músicos, artistas, empresários, professores, estudantes ou simplesmente leitores. De início, o movimento teve apoio do Instituto C&A, Associação Casa Azul (organizadora da Flip), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Instituto Ecofuturo e Centro de Cultura Luiz Freire. O autor Bartolomeu Campos Queirós menciona a literatura como elemento impulsionador de uma sociedade falante:

Quando uma sociedade e seus valores ficam muito perdidos, ela ganha muita força para a autoajuda. É uma sociedade que procura o que fazer, como viver. Precisa muito de receita. O melhor diálogo que travamos na vida é com o silêncio. Conversar com o silêncio é fascinante. Vivemos em uma sociedade em que o silêncio está interdito. As pessoas falam o tempo inteiro. Você entra no aeroporto e a tevê está ligada o tempo inteiro. No hotel, a tevê está ligada o tempo inteiro. Tem uma música tocando no elevador, tem alguém falando no celular. Tem pessoas com três celulares. É um mundo que fala o tempo inteiro. [...] (2011, p. 21).

A grande articulação desencadeada a partir do manifesto resultou em múltiplas ações, disponíveis no site¹ criado pelo movimento em seu terceiro parágrafo, o manifesto redigido por Bartolomeu Campos de Queirós diz: “Alfabetizar- se, saber ler e escrever tornaram-se hoje condições imprescindíveis à profissionalização e ao emprego”.

Bartolomeu Campos de Queirós faz de sua prosa poética um convite ao leitor para o lúdico, ao imaginário. É por meio das metáforas e das relações analógicas que se encontram as possibilidades de articulação de valores por parte do leitor da obra. Dentro desses aspectos o autor também menciona características particulares sobre o tempo, por meio da obra PPP²:

O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os

¹ Disponível em: www.brasilliterario.org.br

² Por parte de pai, obra do autor Bartolomeu Campos Queirós em 1995.

sonhos, as decisões, duram pouco na boca do tempo.
(QUEIRÓS, 1995, p. 71-72)

Vale lembrar que a Revista *Palavra* faz uma homenagem ao recém-falecido em 2012 escritor Bartolomeu Campos de Queirós. A edição traz depoimentos de amigos que conviveram com o escritor, como era carinhosamente conhecido, além de artigos sobre o escritor e um conjunto de textos de vários gêneros literários.

Em entrevista à *Revista Palavra*, o escritor e cartunista, Ziraldo, acrescenta sobre Bartolomeu Campos Queirós: “O Bartolomeu é poeta, nasceu com alma de poeta, o que o salvou. Ele é um homem generoso, que transformou suas dores em esperanças e afeto. E faz livros para crianças” (2011, p. 41).

O autor Bartolomeu Campos de Queirós concedeu duas entrevistas ao jornalista Marcio Vassallo, nos anos de 2001 e 2003. Nelas expressou o seu pensamento sobre literatura e educação no Brasil. Como exemplos, foram reproduzidas duas frases retiradas das entrevistas e publicadas no Notícias do Salão – Edição Especial – em comemoração aos 30 anos de carreira ao autor.

A literatura me paralisa quando o real me invade e me arranha. Vejo nela um carinho buscando camuflar as indelicadezas. E sinto que ainda não escrevi o texto que gostaria. Tudo que fiz até agora me parece um ensaio, uma procura, uma busca. Meu desafio é de estabelecer um texto capaz de esperar até as crianças. Carrego a minha infância cotidianamente. Daí o meu respeito pelas crianças. (VASSALLO, 2003, p. 9)

É importante observar a fala do escritor *em entrevista* concedida ao jornalista Carlos Herculano Lopes ao Jornal Estado de Minas, e ver que *Embora* seja conhecido como autor infanto-juvenil, Bartolomeu Campos de Queirós rejeita esse rótulo. “Quero que a minha literatura atinja as crianças, mas que também permita uma leitura de adultos”. (LOPES, 2012, p. 30)

O crítico literário e escritor, Fábio Lucas, diz sobre Bartolomeu Campos Queirós, que: “Ler o seu texto é envolver-se de imediato com a magia das palavras, é seduzir-se com a beleza e a musicalidade da prosa.” (2011, p. 40)

O circuito da memória, na prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós é muito fértil, pois ressalta a importância da memória no resgate da identidade de seus personagens. Yunes (1998), aborda o seguinte, sobre a memória:

A memória, cujo texto é grafado pela emoção e pelo sentimento, torna-se opaca por força da razão ordenadora do discurso lógico. Assim, recordar, colocar de novo no coração é apresentar, presentificar o que se desconhece, e não revelar o que se sabe. A identidade não é referência que se constrói, e só quando se assume a memória como referente seletivo, combinado a modo secreto, inclusive para o sujeito, ela pode ter alguma utilidade para o memorialista. (YUNES, 1998, 32)

Bartolomeu Campos de Queirós dizia ser esse trabalho com a linguagem encontrado em seus textos um exercício meramente natural e não planejado, sua escrita é motivada por puro prazer de escrever. Esse trabalho com a linguagem realizado por Bartolomeu, possui uma escrita contida, deixando espaços para que o leitor os complete por meio da fantasia e da imaginação.

Eu comecei a escrever livremente, sem grandes preocupações; morava fora do Brasil, escrevia pelo meu prazer de escrever. Quando publiquei pela primeira vez, recebi críticas de determinadas pessoas – Marisa Lajolo, Fanny Abramovich, Edmir Perroti, Regina Zilberman – que diziam que meu trabalho era uma prosa poética. Bem, então deram esse nome a um trabalho que eu fazia naturalmente. Naturalmente, mas contido (QUEIRÓS, 2012, p. 56).

Leonor Werneck dos Santos, em publicação de abril de 2012, em Dossiê, elaborado pela FNLIJ (notícia 4), sobre Bartolomeu Campos Queirós, destaca que os livros do autor costumam nos apresentar, de maneira poética e delicada, meninos, árvores, passarinhos, rios, mar, memórias. Ainda segundo dados da mesma fonte, Márcia Cabral da Silva, professora-adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os livros escritos por Bartolomeu Campos de Queirós interrogam a vida, a passagem do tempo, os enigmas da existência. Ressaltam, sobretudo, a infância como momento propício para descobertas. Todavia, eles não têm fronteiras, não se segmentam em faixas etárias.

Maria Eugênia Dias de Oliveira, professora de Filosofia, menciona no Dossiê em abril de 2012, que Bartolomeu Campos de Queirós descreve o tempo perdido do passado. Os seus livros convidam o leitor a participar do eternamente incompleto esforço de descobrir que a felicidade pode ser encontrada em cada detalhe da vida. Márcio Sampaio, crítico de arte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, in Dossiê, de abril de 2012, em notícias 4, sobre Bartolomeu Campos Queirós, relata:

Pensar sobre o passado é uma tarefa contínua, depende da maneira como você se lembra do que vivenciou. Memoralísticos ou de pura fantasia, seus textos surpreendem pela originalidade, pela forma como se constroem. São textos que retiram da linguagem, como se fora uma fruta, o caldo denso, transferindo para o leitor - tanto a criança quanto o adulto - o sabor da experiência (QUEIRÓS, 2012, pág. 52).

Para Yeda Prates Bernis (2012), poetisa, a obra de Bartolomeu é avivada de memória, a exemplo, temos a obra *Por Parte de Pai*. Este livro é testemunho disto. As palavras, aqui, se acomodam sem maiores tensões, harmoniosa arquitetura verbal e de ideias. E na simplicidade que enobrece extraordinariamente o texto, pelo que contém de conquista, vai-se desenrolando a experiência vivida.

Portanto, reafirma-se aqui a qualidade literária de Bartolomeu Campos de Queirós, patente e reconhecida em sua já extensa obra, atinge sua expressão máxima, sem perder a capacidade de comunicação com o público jovem ao qual prioritariamente se dirige.

2.20 escritor e o universo infantil

Bartolomeu Campos de Queirós nascido em Formiga, interior de Minas, dedicou sua vida à literatura, à educação e à filosofia. Recebeu uma bolsa da ONU para estudar em Paris, nos anos de 1960. Cursou Filosofia no Brasil e, depois, ingressou no Instituto Pedagógico de Paris. Em sua trajetória, além de ter publicado mais de 40 livros, contribuiu, no Brasil e no exterior, com propostas e ideias que melhorassem o universo artístico-educacional. Faleceu no dia 16 de janeiro de 2012.

Bartolomeu Campos de Queirós começou a publicar seus livros na década de 70, juntamente com as autoras brasileiras vencedoras do Prêmio HCA, Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, além de outros grandes autores. Suas criações fazem parte da literatura infantil brasileira contemporânea que promoveu uma mudança na linguagem dos textos para o público infantil e juvenil. As características comuns a esse grupo são a linguagem coloquial, a ausência de fronteiras quanto aos temas e o uso de metáforas.

Bartolomeu Campos de Queirós se destaca também pelo trabalho cuidadoso com cada palavra e pelo tom lírico de seus textos, que mobilizam o afeto, a imaginação e o pensamento dos seus leitores. Seus livros já foram

traduzidos para outros países, devido à universalidade dos seus temas. Ao escrever a partir das suas observações sobre a vida, sua literatura tem marca universal, com abordagem de temas comuns à humanidade.

A escrita de Bartolomeu Campos de Queirós estabelece uma relação familiar com a infância, com ênfase nas perdas afetivas e solidão. Nos seus livros, verificam-se, com frequência, enredos contendo um narrador a espreitar os porquês da vida, o modo singular como os adultos agem. Suas principais obras: *Ciganos* (1982), *Indez* (1989), *Por parte de pai* (1995), *Ler, escrever, fazer contos de cabeça* (1996), *Até passarinho passa* (2003), *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Vermelho amargo* (2011), livros fundamentais para se conhecer essa faceta do autor.

Bartolomeu Campos de Queirós tem em seu acervo de obras publicadas 40 livros, nos quais encontram-se temáticas variadas voltadas para a fantasia, relações familiares. Contudo, além da ludicidade, suas obras são permeadas por dores, sofrimentos e angústias.

Comecei a escrever pelo prazer de escrever, nunca fiz uma proposta de trabalho para a criança, isso é uma coisa bem clara para mim. As pessoas que resolvem fazer coisas para a criança se tornam muito chatas. A gente faz pela criança que ainda existe na gente (QUEIRÓS, 2012, p. 55).

Para Bartolomeu Campos Queirós, a literatura infantil, se configura como um mundo de possibilidades em comparação com à literatura “adulta”: “O adulto está esgotado – como o velho mundo –, mas vejo a infância aberta e sem preconceitos. O mais jovem possui a vivacidade, a força transformadora como elemento mobilizador da vida.” (QUEIRÓS, 2012, p. 69)

A criança, na minha observação, tem sempre esse silêncio, e é um silêncio no qual ela está repleta de liberdade, no qual ela estabelece o jogo, no qual ela estabelece a inventividade, no qual ela faz a criação. E quando penso quais são os elementos que estabelecem a arte são os mesmos que estabelecem a infância (QUEIRÓS, 2012, p. 69).

Para Bartolomeu Campos Queirós, temáticas como dores, sofrimentos e tristeza são elementos que podem estar presentes em qualquer fase da vida. Por isso, o autor não retrata apenas sobre uma infância colorida, feliz e perfeita.

Espantam-me as pessoas capazes de traçar cânones, normas, ensinando como construir um texto para os “pequenos” – muito diálogo, muita ação, frases curtas, sem esquecer o humor. Nada

de tristeza. Se sabem tanto como deve ser o livro, desconhecem o processo de criação literária (QUEIRÓS, 2012, p. 81).

Bartolomeu Campos Queirós ocupa um lugar significativo na atual produção literária brasileira, atraindo, sobretudo, o público infantil e juvenil. No entanto, sua produção não é voltada especificamente para esse público, tendo em vista que possibilitam pensar sobre a condição humana nas mais diversas instâncias. Lima e Pereira (2008, p.118) destacam o valor da obra deste escritor ao fazerem a seguinte afirmação:

Acredita-se que o reconhecimento mais valioso para este escritor é o prazer que os leitores, independente da faixa etária, sentem quando provam suas palavras poéticas, instrumentos que despertam em muitos leitores a sua parcela mito-poético, na acepção de Glória Kirinus (1988). Logo, retornar à infância, através das obras de Bartolomeu, é abrir a porta para deixar viver a nossa criança mágica. Esse é o sentimento que nos habita ao lermos suas memórias poéticas. (LIMA E PEREIRA, 2008, p. 118).

Bartolomeu Campos Queirós participou ativamente do movimento nacional em prol da literatura, como direito para crianças, jovens e adultos. Seus textos são amplamente usados nas escolas, bibliotecas e eventos em todo país, inspirando e influenciando alunos e professores no modo de se relacionar com a leitura literária. Temas como vida e morte, perda, a passagem do tempo, a relação do mundo adulto com a criança, são abordados de forma única contribuindo para introduzir crianças e jovens no universo do texto literário. Sobre a literatura infantojuvenil é fundamental acrescentar que:

A proximidade dos dois mundos, da infância e da maturidade, fez da vida e da obra de Bartolomeu uma espécie de ponte única. Sua palavra dava acesso aos dois momentos da constituição da humanidade do homem: aos pequenos; acenava com o deslumbramento do mundo; aos maduros, com a poesia que persistiu em meio à dor e ao compromisso. (CUNHA in SOARES E PARREIRAS, 2013, p.21)

A narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós é classificada pela crítica como prosa poética, justamente porque seus textos apresentam características, recursos, elementos poéticos, que conferem efeito estético, sensibilidade, leveza e singeleza. A linguagem é trabalhada cuidadosamente, com a presença de figuras de linguagem e construções poéticas, as quais permitem diversas leituras, abrigam diferentes inscrições e adjetivações. As obras de Bartolomeu Campos de Queirós são analisadas da seguinte forma:

Na prosa poética, Bartolomeu Campos de Queirós é o primeiro a ser lembrado com *O peixe e o pássaro* (1974) e os premiados *Pedro* (1977) e *Ciganos* (1983). Neles a ambiguidade e a imprecisão são estímulos à imaginação criadora do leitor. A rima, as aliterações, a sonoridade da língua, sua possibilidade de jogo, ou seja, o lúdico na linguagem, campo em que Monteiro Lobato também abriu novas possibilidades, estão presentes não só na obra de Campos de Queirós, como na de Ruth Rocha, em livros destinados a crianças bem pequenas, como *Palavras, muitas palavras* e *Marcelo, marmelo, martelo*, ambos de 1976 (SANDRONI, 2011, p. 68).

Queirós é um dos primeiros autores da literatura infantil e juvenil brasileira a fazer uso de uma prosa poética, que se aproxima muito do poema narrativo. Seu compromisso com a beleza e com a arte, como direito de todos para uma vida melhor e mais justa, se reflete no cuidado com a palavra.

Com uma linguagem estética, aborda conteúdos complexos e filosóficos e consegue expressar a conservação das lembranças e seus desdobramentos de maneira própria e original. Pela lapidação que faz na busca das palavras e da construção das frases, seus textos são acessíveis. O escritor recebe destaque pela competência que tem sobre a reflexão, sensibilidade e criatividade da produção artística. Um ilustre construtor de universos literários, em que a substância é a fantasia nas mãos do artífice do verbo que elegeu a arte como ofício. Queirós foi autor que viu em seus temas as questões que envolvem o seu fazer, pensado, elaborado e refeito a partir da consciência crítica e do compromisso estético. Acerca da vida de Queirós, Lima e Pereira (2008, p.117) enfatizam:

O escritor Bartolomeu, quando menino, ganhou a liberdade de se mover no mundo da fantasia, de passear pelo espaço mitopoético e, quando cresceu, se tornou poeta para não perder essa liberdade. É o que constatamos ao ler a obra e a biografia desse escritor mineiro, que produz seus textos com palavras da cor da infância, no intuito de mostrar a sua cor primeira (LIMA E PEREIRA, 2008, p. 117).

Vale destacar um fator que chama atenção nas narrativas de Queirós: ele prioriza a fantasia e acredita que, por meio dela, a criança consegue explicar o mundo que a rodeia mesmo existindo limites diante das muitas coisas que fazem parte do seu dia a dia.

Queirós, por meio da significação da infância, põe em evidência: sons e silêncios ouvidos pelo menino, seus mistérios, revelando que as crianças estão atentas a tudo. A jornalista Patrícia Corsivo in Edição Especial – *Linguagem e*

sentido na Educação Infantil: Uma homenagem a Bartolomeu Campos Queirós, menciona a seguinte fala do autor sobre sua infância:

Na infância brincava de boca de forno, chicotinho-queimado, passar anel, ou corria da cabra-cega. Nossos pais, nessa hora preguiçosa, liam o destino do tempo escrito no movimento das estrelas, na cor das nuvens, no tamanho da Lua, na direção dos ventos. (...) O mundo não estava dividido em dois, um para as pessoas grandes, outro para os miúdos. As emoções eram de todos. Todos ficavam felizes na festa de casamento, nos bailes juninos, nos almoços de batizados (QUEIRÓS, 2004, p. 8).

O universo memorialístico está envolto pela riqueza simbólica proporcionada pelo fantástico mundo de encantos que permeia a obra de Bartolomeu Campos de Queirós. Torna-se um desafio despertar o interesse das crianças para o significado do maravilhoso mundo infantil de encantamentos e simplicidade. O autor defende a ideia de um mundo melhor, que é possível a partir da imaginação dos pequenos. Ele consegue em suas narrativas, lançar mãos aos desafios para superar as barreiras existentes entre o mundo da criança e o mundo do adulto.

A narrativa memorialística queirosiana é reiterada pela presença de metáforas, personificações e outros recursos tipicamente próprios do lírico. Por meio desses recursos é evidenciado o valor da linguagem do escritor, cujas obras contribuem, significativamente, para o desenvolvimento do gosto pela leitura, ampliando o universo cultural de crianças e jovens e proporcionando uma intensa praticidade à literatura em sala de aula. Conforme Bosi (1994):

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p.73).

Dessa forma, uma das opções para a reflexão de uma mudança nas relações sociais está no resgate do passado cultural infantil do fazer: brinquedos e brincadeiras, possibilitando assim o desenvolvimento pessoal.

A infância é uma construção simbólica. As crianças recriam suas experiências no brincar. Pensam o que nem sempre é possível expressar com palavras. A brincadeira é uma forma de as crianças se colocarem no mundo, com todas as suas emoções. A criança está em transformação, combinando em

cada momento concreto um passado e um futuro que se fundem. Nesta perspectiva, há uma interação que se estabelece entre o aqui e o agora.

Bartolomeu Campos Queirós tem um trabalho com a linguagem poética que deixa o leitor muito envolvido, além de ser uma escrita contida, na medida em que, segundo ele, escrever é conter-se e deixar espaços para que o leitor os complete por meio da fantasia.

3 ASPECTOS MEMORIALÍSTICOS E O ESPAÇO

As narrativas literárias de cunho memorialístico de Bartolomeu Campos Queirós ressignificam vivências de tempos remotos, como as lembranças familiares, as brincadeiras de infância, o ambiente rural, o escolar, dentre outros. Assim, permite ao narrador adicionar ao presente detalhes, minúcias, cheiros e cores de outra dimensão temporal. Isso porque a escrita memorialista se reveza entre os fatos e os devaneios, entre imagens reais e imaginárias, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro.

Este capítulo propõe refletir sobre o espaço na construção da memória. A questão da memória vem emergindo de forma viva com a multiplicação de projetos de memória. Atualmente, cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema, demonstrando como essa construção de vínculos é relevante para a preservação de suas lembranças.

3.1 Dimensão da memória: discutindo conceitos

A memória é um processo permanente de reconstrução do passado, determinado pelas condições concretas que o sujeito tem no presente. Condições intelectuais, éticas, emocionais e afetivas que imprimem outras tonalidades nas imagens lembradas. Queirós anuncia sua concepção de memória ao afirmar:

Memória não tem filtro e armazena tudo. Memória a gente não rasga, não joga no lixo, não lava com sabão. Memória é sentinela, e nos vigia sempre. A memória não vê, mas não tira o olho. Vai somando vida afora. Tudo que a gente olha, ouve, toca, come, cheira, a memória não esquece. E, de repente, transborda mais rápido que enchente. Coisas que a gente só imaginou, a memória guarda. E fatos que a gente nem sabia que sabia rompem sem mais nem menos no pensamento (...). E chegar ao mundo com 57 anos é ter, desde cedo, um grande peso de memória (QUEIRÓS, 2012, p.11)

Dessa forma, a memória é um elemento essencial na busca por uma identidade individual ou coletiva, e essa busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. A memória revela as lembranças promovidas pelo sujeito, neste ponto, Santos (2015), associa as concepções de memória escrita:

A memória da escrita é formada a partir da interação do artista com a realidade social, atrelada a fatores históricos, culturais e políticos que se interpenetram por uma intrincada teia de relações. Na tecelagem da memória da escrita, o escritor agencia memórias ou, como queira, informações, lembranças, carências, desejos, por meio de suas leituras de mundo. A memória, tecelã da escrita, estende seus tentáculos ampliando seu repertório, por meio do diálogo que o escritor estabelece com outros sujeitos, ao longo de suas leituras textuais, desencadeando uma memória partilhada que pode influenciar tanto a si como a seus leitores, possibilitando-lhes concatenar as suas teias a outros contextos, outras culturas, outros mundos, decorrentes dos mecanismos intertextuais que, voluntariamente ou não, se processam. (SANTOS, 2015, p.27)

A memória consiste na preservação de fatos e acontecimentos, resultantes de um trabalho de organização do pensamento, processo permanente de construção e reconstrução de ideias. Esse processo de memorização torna-se primordial para a descoberta e a formação do indivíduo, como afirma Izquierdo (2002):

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente em que vivemos. Não somos outra coisa se não isso; não podemos sê-lo [...] Todos recordamos nossa rua, mas a rua de cada um foi diferente. Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém. Nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo. (IZQUIERDO, 2002, p.6)

Sendo assim, vale lembrar uma das mais antigas concepções sobre o tema que remete à mitologia greco-romana: à deusa *Mnemósine*, personificação da memória ou lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos – o deus do tempo – e mãe das Musas, regia as artes e todas as formas de expressão (BRANDÃO, 2008, p. 8). Partindo dessa ideia, a memória é atribuída a um trânsito entre céu e terra, e uma associação com o elemento tempo. Nesse sentido, “Tudo o que afeta nossos sentidos é reelaborado e pode ser transformado em aprendizagem e, posteriormente, em memórias” (BRANDÃO, 2008, p. 9).

Mnemosine, mãe das nove musas, procriadas no curso de nove noites passadas com Zeus. *Mnemosine* lembrava aos homens a recordação dos heróis e dos seus grandes feitos, preside a poesia lírica. Deste modo, o poeta era um

homem possuído pela memória, um adivinho do passado, a testemunha inspirada nos “tempos antigos”, da idade heróica e, por isso, da idade das origens. Portanto, na mitologia grega, as musas dominavam a ciência universal e inspiravam as chamadas artes liberais: Clio (história), Euterpe (música), Talia (comédia), Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Erato (elegia), Polínia (poesia lírica), Urânia (astronomia) e Calíope (eloquência). Assim, de acordo com essa construção mítica, a história é filha da memória.

Considerando a memória como um fenômeno capaz de integração do pensamento com as lembranças, é possível observar a capacidade que ela tem de construir socialmente os laços afetivos e promover sensações que predominam e conduzem o narrador à rememoração.

Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2002. p. 5)

Confirmando o pensamento de Izquierdo (2004), vale mencionar Elias José (2012, p. 11) que “expõe que o ato de rememorar é o modo que o homem encontra para fazer uma reflexão sobre a sua trajetória de vida em um tempo e em um espaço culturais”. Ele ainda acrescenta que “a memória possibilita ao homem a noção de identidade e o reconhecimento como parte de um grupo, de uma sociedade que está sempre em mudança”. Para Eliane Yunes:

A memória, na formulação freudiana, tem suas raízes no esquecimento – ou melhor, não as tem na lembrança, e no espaço das percepções involuntárias de que o tempo faz matéria, como explica Bergson, em *Tempo e Memória*. O exercício da recordação, imperfeito por excelência, serve à perfeição para construir, com todas as correções, a biografia de nossos sonhos e pesadelos. Sobre os lapsos, lançamos pontes; sobre os recalques, compomos imagens, e vamos montando, à luz do desejo e do imaginário, a narração com que queremos nos ver identificados. Por isso, memória e identidade andam juntas e nem sempre nos damos conta, com aguçã, do paradoxo e das meias-verdades que se engendram nessa relação. (YUNES, 1998, p.20)

Observa-se, então, a importância do processo de rememoração dos narradores. Ao fazer um percurso nas narrativas do livro *Por parte de pai*, torna-se claro que os processos de memorização, rememoração e esquecimento são construídos socialmente. Da mesma forma o narrador de *O olho de vidro do meu*

avô rememora sua infância a partir das experiências que vivenciou e retrata o processo mnemônico como uma tensão entre o social e o individual, em que há a internalização dos episódios acontecidos e se tornam lembranças singulares da infância vivida através do testemunho de fatos ocorridos.

Beatriz Sarlo (2007, p. 50) diz que “o testemunho é inseparável da auto designação do sujeito que testemunha porque ele esteve ali onde os fatos aconteceram”. Neste aspecto, o exercício da recordação serve para construir, com todas as correções, as narrativas memorialísticas. Sobre os lapsos, assim como sobre os recalques, podem ser compostas imagens, e montando, à luz do desejo e do imaginário, a narração recriada pela memória e os testemunhos.

Em *Por parte de pai* o narrador relata a sua experiência com o intuito de não somente contar uma história, mas dar o testemunho de sua experiência. O testemunho abre espaço, nesse contexto, para que o esforço de legitimação chegue próximo ao seu objetivo, pois a apropriação da escrita tenta atrair a legitimidade reivindicada. Da mesma maneira, ao narrar a experiência, o narrador de *O olho de vidro do meu avô*, além de analisar o espaço em que está inserido e a coletividade que o cerca, reflete acerca de sua existência. Lembrar destes fatos, muitas vezes é prazeroso para o narrador, uma vez que é preciso resgatar pontos que o sujeito não gostaria de esquecer.

Desse modo, a evocação ou recordação do pensamento, assim como as lembranças, são elementos indispensáveis na constituição da memória. Outro elemento de destaque é o tempo. Segundo Agostinho (2006, p. 194s, o tempo, tanto quanto a experiência, é constituidor da memória:

A atividade de meu pensamento se divide em memória, em relação ao que já disse, e em espera, em relação ao que eu vou dizer. Contudo, é um ato presente de atenção que faz passar o que era futuro ao estado de tempo passado. Quanto mais se prolonga essa operação, tanto menor se torna a espera e tanto maior a memória, até o momento em que a espera se esgota completamente, e, terminada, a ação passa inteiramente para a memória (AGOSTINHO, 2006, p. 194).

Santo Agostinho (2006), põe em questão a simultaneidade temporal ao afirmar que se nada sobrevivesse não existiria o tempo futuro e, se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente, ou seja, o passado já passou e não existe; o futuro ainda não veio e o presente se fosse sempre presente não passaria e o pretérito já não seria tempo, mas eternidade. Portanto, Santo Agostinho já previu a problemática do tempo na reconstituição de fatos vividos.

Vale lembrar aqui as sociedades sem escrita. Nelas haviam especialistas da memória, chamados também de homens-memória: genealogistas, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas. Le Goff (2003), diz que são a memória da sociedade e que são, simultaneamente, os depositários da história objetiva e da história ideológica, mas também chefes de família idosos, bardos, sacerdotes. Apresentando essa lista, Le Goff (2003 reconhece nesses personagens da humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo.

Ao longo da narração, torna-se substancial a análise memorialística das obras de Bartolomeu Campos Queirós. O narrador busca, a partir das lembranças e recordações, reconhecer-se em meio aos acontecimentos, pois a memória é promovida por provocações da subjetividade através do processo de narração.

Nossa memória pessoal e coletiva descarta o trivial e, às vezes, incorpora fatos irreais. Vamos perdendo, ao longo dos dias e dos anos, aquilo que não interessa, aquilo que não nos marcou: ninguém se lembra em que ano foi construída aquela casa feia do outro quarteirão ou onde morava aquele colega da escola com quem tivemos pouco contato. (IZQUIERDO, 2002.p.14)

A representação humana e a transformação da realidade são compostas por lembranças através de processos como imaginação, recordação e esquecimento.

A narrativa poética de Queirós, a partir das memórias de Minas Gerais, ganhou o mundo em inventividade e fantasia. A riqueza de seus personagens e a construção apurada no desenvolvimento dos textos transformou suas obras em impulsionadores da memória. Exalando lembranças, memórias, fragmentos, sensações, resultando numa escrita de latente teor memorialístico, Bartolomeu Campos Queirós compreende a memória de forma ampla, e relata isso em entrevista a Revista Palavra:

A memória é o nosso grande lugar. Na memória tem tanto o que vivi quanto o que sonhei ter vivido. Não acredito em memória pura. Toda memória é ficcional. É um pedaço da memória com mais um pedaço da fantasia. A fantasia é o que temos de mais real dentro de nós. A fantasia é a minha verdade mais profunda. A fantasia é aquilo que não conto para ninguém, só para as pessoas que amo muito. Ela é tão verdadeira que quando vou contar essa fantasia, faço uma metáfora para protegê-la. Pois a fantasia é o que tenho de mais profundo dentro de mim. É o meu real mais absoluto. Não existe uma memória pura, toda memória é ficcional. Precisamos tomar posse da fantasia. Todo real é uma

fantasia que ganhou corpo. O que põe o novo no mundo é a fantasia. Uma escola nova é uma escola que cultiva a fantasia. Se ela ficar só na tradição, ela só fica na repetição. Ela não instala o novo. É a fantasia que inaugura o novo no mundo. Há cem anos, voar era uma fantasia do Santos Dumont. É preciso saber se quero uma sociedade nova. Preciso de uma escola fantasiosa e convidar a criança para deixar a fantasia vir à tona. (QUEIRÓS, 2012, p. 55).

A memória, quando evidenciada nas obras de Queirós, passa a colocar sentido nas reflexões, recompondo a infância e outros momentos do passado. Dessa forma, existe uma aproximação de modalidades memorialísticas e suas representações. Assim é necessário mencionar que:

A memória em Bartolomeu Campos Queirós é alargada, “protege tanto o vivido como o sonhado”. E na sua elaborada simplicidade são lembranças que pulsam os territórios enormes e mutantes do inconsciente. É a dimensão proustiana, adaptada às cidadezinhas de Minas, na busca do tempo perdido, da infância. É uma revisitação, um estar de novo. (ANANIAS IN SOARES E PARREIRAS, 2013, p.46)

Tratando-se de representações da memória, cumpre reportar-nos ao pensamento de Le Goff (2003). Para o sociólogo, a memória é a propriedade de conservar informações; é o conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas. Destarte, temos que: “o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo”, caracterizado, sobretudo, pela sua função social, pois, “é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 224-225).

Para Le Goff (2003), a noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas.

A memória é o registro do vivido, preservação e resgate de imagens, é também a reconstrução da experiência humana. Le Goff (2003) compreende a memória como um fenômeno individual e psicológico, que possibilita ao homem a atualização de impressões ou informações passadas. Esta memória é o que permite a aprendizagem, pois é através da memória que os conhecimentos se consolidam. A memória pode ser definida como o processo cognitivo que inclui, consolida e recupera informação aprendida.

Corroborando com o pensamento de Le Goff (2003) e Candau (2012) explica que no processo de rememoração, a vontade do futuro parte do presente e se intercala a um retorno em direção ao passado. Sem a memória, o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas.

Conforme Candau (2012, p. 63), a memória contempla presente, passado e futuro. As falhas da memória, os esquecimentos e as lembranças estão sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza “os traços do passado em função dos engajamentos do presente e, logo, por demandas do futuro.

Através da memória, o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço), conferindo-lhe sentido. Esse ato de memória nunca é uma reprodução pura do acontecimento ausente, mas, em sua forma mais acabada, uma construção que exige a participação das funções psicológicas mais elevadas. Acrescenta:

Essa última instância [memória de alto nível] é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc. (CANDAU, 2012, p.23)

Diante disso. Vale ressaltar que a desenvoltura do processo *mnemônico* dos narradores das obras de Queirós, objeto deste trabalho, volta-se para a constituição da memória individual articulada a uma combinação de memórias do grupo ao qual pertence. O estado emocional dos narradores, as influências que sofrem, podem ter um efeito sobre a natureza das lembranças evocadas, sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento, quando recordado, deva-se a elementos seus ou à projeção do seu humor, no momento mesmo da reminiscência.

Percebe-se que a memória vem da capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos como a voz, música, imagem e textos. A prática da memória é imprescindível no exercício da palavra em público, na oratória, na retórica, como palavra sedutora, persuasiva, convincente. Deve-se destacar

também a importância e necessidade de exercitar a memória: além da reminiscência, o esforço da recordação. Para Candau (2012), há três direções diferentes da memória: memória do passado, memória da ação e memória da espera: “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções, estrutura-o e coloca-o em ordem conferindo-lhe sentido”. (2012, p.61)

Cada geração une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. O presente determina a reinterpretção do passado para se representar, se fixar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A memória e a oralidade deixam de ser valorizadas, com a invenção da escrita e com o advento do pensamento racional. Para Le Goff (2003), a passagem da memória oral para a memória escrita é difícil de compreender. Segundo o autor, o aparecimento da escrita está ligado a uma transformação da memória coletiva.

Ainda segundo Le Goff (2003), a noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas diversas sociedades e em diferentes épocas: as memnotécnicas. Já a escrita é um elemento que permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável.

A memória assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. [...] A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofa, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira como na Índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel) (LE GOFF, 2003, p. 427)).

A memória individual traz uma concepção subjetiva, pessoal, do passado, marcando retomadas fases de uma existência. Acontecimentos passados afloram no pensamento, a partir da percepção que se tem do presente. Sobre a percepção, Bergson (1999) diz:

Mas nossa lembrança continua em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela (lembrança) passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície

se colore, ela tende a imitar a percepção (BERGSON, 1999, p. 156).

Assim, como diz Bergson (1999), é importante destacar o pensamento de Halbwachs (2006). Ele acredita que cada memória individual é um ponto de vista sobre memórias coletivas que se estabelecem a partir de “quadros” memoráveis. O ato de “lembrar”, nesse sentido, seria uma ação que se configura no presente sob uma perspectiva do grupo. Reconstrução, reinterpretação e não um simples “resgate” do passado. Não há memórias completamente isoladas e fechadas, pois estas são sempre “apoiadas” pela constituição de um presente dinâmico e em constante reformulação (HALBWACHS, 2006).

Na concepção de Halbwachs (2006), só lembramos à medida que nos inserimos em uma perspectiva de grupo, portanto, ela é uma reconstrução do passado com dados emprestados do presente. A lembrança só ganha sentido enquanto ainda estiver no cerne de formação de uma identidade, pois é sempre vista a partir de um contexto social, do que é lembrado. São os indivíduos que lembram, mas é o grupo que define aquilo que deve ou não ser lembrado.

Segundo Candau (2012), vê as falhas da memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção. São vinculados à uma consciência que age no presente, isso porque a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e por demandas do futuro.

Retomando Bergson (1999), o filósofo discute a noção de imagem-lembrança. Refletindo sobre imagem, ele constrói um pensamento

[...] por imagem entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a "coisa" e a "representação" (BERGSON, 1999, p. 2).

Nesse sentido, a relação e construção das imagens descritas por Bergson (1999) são elementos importantes na literatura, e a forma como dispõe construção de uma narrativa, é imprescindível para a obtenção de determinados efeitos de sentidos no texto.

O fundamental de ter a relação entre as diversas imagens ocorre através da oscilação e de movimentos entre elas. Bergson (1999) faz considerações que também abrangem outros aspectos da questão:

Percebo bem de que maneira as imagens exteriores influem sobre a imagem que chamo meu corpo: elas lhe transmitem

movimento. E vejo também de que maneira este corpo influi sobre as imagens exteriores: ele lhes restitui movimento (BERGSON, 1999, p. 14).

A partir dessa citação é possível observar que a importância da relação entre as diversas imagens ocorre através do movimento, e que o corpo gera movimento. Existem dois modos diferentes em que as imagens geram movimento: ação e contração. As imagens exteriores transmitem o movimento ao corpo sob a forma de afecção; o corpo restitui movimento às imagens exteriores sob a forma da ação. São ações e reações que operam o movimento. Assim, o corpo se relaciona com as outras imagens restabelecendo o movimento. Ainda sobre imagens é possível acrescentar que:

Pensar em imagens dentro da obra de Bartolomeu Campos Queirós requer um salto imaginativo, porque suas palavras descrevem muito mais, do que uma cena cotidiana. Ao ler, somos encorajados a entrar num estado inconsciente consciente. (NEVES in SOARES E PARREIRAS, 2013, p.18)

A figura do passado se atualiza, ou se fixa, no exato momento em que é escolhida para servir ao presente, ou seja, quando se forma a percepção do presente. O esquema mental que garante a possibilidade desse trabalho de evocação das imagens. Acrescenta o filósofo:

estado aberto, o que a imagem é em estado fechado. Apresenta em termos de devir, dinamicamente, o que as imagens nos dão como já feito, em estado estático. Presente e atuante no trabalho de evocação das imagens, ele se dissipa e desaparece por trás das imagens depois que estas foram evocadas, tendo cumprido seu papel. A imagem de contorno fixos desenha o que foi (BERGSON, 1999, p. 146).

A noção de imagem-lembrança enraíza a definição de imagem-movimento: enquanto esta se refere de um modo mais imediato à maneira pela qual nos relacionamos com as coisas do mundo, aquela se refere às condições psicológicas dessa relação, dando especial relevo ao papel desempenhado pela memória.

O outro ponto é como o passado, em geral, torna-se imagem-lembrança capaz inclusive de se confundir com a percepção. Trata-se primeiramente do reconhecimento de um passado específico, no interior desse passado em geral, reconhecimento que se diz uma “imagem” desse passado. Por isso, em Bergson (1999), proliferam as metáforas visuais, pois em geral, dá-se a esse

reconhecimento o nome de imagem. Nesse sentido, Santos (2015), revendo a teoria de Bergson (1999), acrescenta:

A imagem literária, deste modo, ocupa espaço na gestação da representação, por conter a experiência da novidade ou pelo menos da tentativa de tornar algo novo, refletindo a função de mobilidade que representa. A imagem poética gera o novo. Cada uma delas, ressoada, dilacera o tempo, exigindo do poeta envolvimento. Para merecer o título de imagem literária, é necessário um mérito de originalidade, levando a palavra a adquirir novos sentidos. (SANTOS, 2015, p. 34)

Ainda sobre a imagem literária e imagem poética deve ser observado a forma como ambas preenchem o quadro de representações, favorecendo de forma particular a constituição da memória.

Para Habwachs (2006), discípulo de Bergson (1999), a constituição da memória é uma combinação de memórias dos grupos aos quais o sujeito integra e sofre influência, seja da família, da escola, do ambiente de trabalho. O indivíduo participa, então, de dois tipos de memória (individual e coletiva). Assim, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Ao mesmo tempo, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual” (HALBWACHS, 2006, p. 42) que permite a reconstituição do passado de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um. Isso significa que, mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.

Halbwachs (1990), fala da memória individual, entretanto, assinala que ela só é possível por intermédio de uma memória coletiva. A primeira, que é mais interior, pessoal e autobiográfica, apoia-se na segunda, que é mais exterior, social, pois a história particular se insere numa história geral.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, quase distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. [...] (HALBWACHS, 1990, p.26)

Assim, de acordo com Halbwachs (2006) a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas.

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p.69)

Assim, a memória supera o plano individual, pois as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada dos grupos sociais. A memória individual e a memória coletiva estão enraizadas em diferentes contextos. A combinação das memórias dos diferentes grupos como família, escola, amigos e trabalho constituem a memória de um indivíduo. Quando as lembranças da infância na família são refletidas, nota-se a capacidade de lembrar mediante a presença do grupo.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p.39)

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo diferenciada. Desse modo, os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Halbwachs (2006), menciona os quadros sociais que compõem a memória. O indivíduo carrega em si a lembrança: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembranças por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p.30)

Para este, a lembrança precisa de uma comunidade afetiva e do convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais. A lembrança individual vem das lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos.

O indivíduo isolado de um grupo social não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência, assim como também não é possível que mantenha qualquer tipo de registro sobre o passado. Todo o contexto no qual o sujeito está envolto, contribui de alguma maneira para reconstruir os vestígios e

impressões de um determinado momento. Nessa perspectiva, a lembrança é pensada como “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”, da qual “a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2013, p. 91).

É possível compreender que as lembranças, são representações baseadas em testemunhos e deduções, reconstruídas, nos seguintes aspectos: fatos, eventos e vivências que se estabeleceram no passado. Esses acontecimentos que podem ser facilmente localizados em um determinado tempo, definidos mediante um conjunto de relações sociais. Nesse processo, os grupos sociais são responsáveis por atualizar e complementar as lembranças individuais mediante o confronto de testemunhos entre seus membros.

Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e conseqüentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho, participando de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. Recordar é necessário, não só individualmente mas, em grupo, e se não existir tal compartilhamento de lembranças, surge alguns questionamentos, como:

Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e que já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles (HALBWACHS, 2006, p. 39 e 40).

Assim, a questão que nos interessa é o fato de, identificar que ao lado da memória coletiva, há também a chamada memória individual. A assimilação das lembranças pode variar de membro para membro, visto que a quantidade de lembranças que são transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, é realizada a partir do ponto de vista de cada sujeito. Logo cabe aqui reafirmar que o fenômeno memória são as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado.

3.2 Espaço e memória: conexões possíveis

O espaço e a memória podem estar intimamente relacionados. A narrativa memorialística vem da busca de se compreender o processo da memória que atravessa o tempo e tenta ressignificar o vivido. Nessa perspectiva, é possível destacar os lugares de vivência em que a lembrança prevalece, dando sentido à memória. É precisamente o espaço em que estão contidas as lembranças mais evidentes que permeiam a memória.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2006, p. 39).

Nesse sentido, o espaço é um sistema de objetos cada vez mais artificiais, composto por sistemas de ações construídos com artificialidade. É importante também mencionar o espaço geográfico que compõe a condição social e física de um determinado lugar.

Por isso, para Santos (2015), os espaços de vivências servem de referências pessoais e sociais e exercem uma força de atração sobre os sujeitos. Dessa forma, ambientes de intimidade como a casa paterna, uma rua ou um bairro, dentre outros, passam a ter valor principalmente pela noção de proteção e aconchego que trazem, tendo os espaços coletivos a duração e harmonia capazes de fortalecer os vínculos. Sobre esta relação, é importante destacar:

O espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. (BOSI, 1994, p. 443)

A partir desse ponto, é possível perceber que o espaço é importante para a configuração dos desenvolvimentos culturais. Assim forma os nômades que não se fixavam por muito tempo em nenhum espaço e dessa forma a memória não tinha lugar fixo. Com atividades como a agricultura e o sedentarismo, o homem se fixa em espaços e determina a casa familiar, o primeiro lugar de um indivíduo no grupo social.

Assim, estabelecendo relações entre o espaço e a memória, Santos (1999) sugere a ideia de que o espaço exerce influência sobre a memória,

interferindo inclusive na percepção do indivíduo com relação a um novo espaço e suas perspectivas futuras. O autor compreende que,

memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 1999, p. 264).

É eminente que espaço e memória se relacionam em um processo contínuo, o qual vai sendo renovado constantemente, cujas influências são capazes de alterar ou se adaptar às percepções do presente, em torno do espaço que se ocupa.

Gaston Bachelard (2008) relaciona a ligação humana com o espaço, ou seja, para ele a forma de agir e de existir está ligada ao espaço de familiaridade, que passa a ter importância para o sujeito que o habita, pois proporciona uma ideia de pertencimento. O filósofo francês expõe ainda que:

Bachelard (2008) explica por meio da teoria dos fenômenos temporais o caráter desdobrável da memória. Para o teórico, o tempo pensado não está em harmonia com o tempo vivido, pois a continuidade temporal é resultado das múltiplas superposições temporais. Assim, o tempo é marcado pela descontinuidade, e a recordação, constituída por esses momentos. Narrar é uma forma de construir com o auxílio do tempo.

A memória não nos entrega nem mesmo diretamente a ordem temporal; ela tem necessidade de se basear em outros princípios de ordenação. [...] Conhecer-nos é reencontrar-nos nessa poeira de acontecimentos pessoais. É num grupo de decisões experimentadas que repousa nossa pessoa (BACHELARD, 2008, p. 34).

Por parte de pai e *O olho de vidro do meu avô*, são narrativas que obedecem essa descontinuidade temporal das recordações de que trata Bachelard (2008), e essa descontinuidade busca ordenar-se através da escrita. Por exemplo, o narrador de *Por parte de pai* busca por meio de suas memórias a subjetividade dos acontecimentos passados.

Ainda, segundo dados da mesma fonte, o autor diz que as imagens de um espaço influenciam o indivíduo, ou seja, os espaços de intimidade e o valor que o ser humano atribui a esses espaços, os valores imaginados.

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (BACHELARD, 2008, p. 19).

Para Bachelard (2008) é a casa o espaço mais completo de lembranças. Por isso, muitos dos escritores a tomam como imagem. Ainda segundo o teórico, "na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos" (Bachelard, 2008, p. 25).

Daí a escolha da casa pelo filósofo, pois, esse espaço íntimo de vivência do ser humano é que desencadeia sentimentos e lembranças. Bachelard (2008), investiga o impacto que os espaços, especialmente da casa, causam no sujeito, desencadeando sensações de proteção e acolhimento.

Nesse sentido, as lembranças das moradias antigas estão sempre presentes e são transportadas para o novo lar. A casa torna-se um local enfático ao estudo do espaço no âmbito literário.

Quando, na casa nova, reportamos as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos aos pais da Infância Imóvel, Imóvel como um memorial. Vivemos fixações, fixações de realidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagem. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. (BACHELARD, 2008, p. 25-26).

A casa, por ser o primeiro universo, tem vínculo com a infância, lugar de descobertas. Dessa forma, a casa não configura somente um lugar onde as histórias acontecem dentro de uma dada narrativa, ela permite que o personagem se mostre em sua essência através de seus sonhos, devaneios. Os móveis ajudam na compreensão das personagens.

Segundo aponta Bosi (1994), os objetos biográficos falam a respeito das experiências de construção afetiva do passado. Os bens conservados podem ser caracterizados como espelhos de experiências da passagem do tempo. Os objetos biográficos representam as experiências humanas de construção do passado.

Os objetos biográficos trazem lembranças de família e as histórias com valores repassados de uma geração à outra. Podem ser aqueles objetos guardados que trazem uma significação para a pessoa. Eles ajudam a perpetuar

o passado e a construir narrativas a respeito da trajetória de vida daqueles que o preservaram, podem ser considerados espelhos de nossas experiências da passagem do tempo. As marcas de vivência podem acrescentar autoridade a um objeto, como aquelas depressões na superfície de um bufê ou de um bibelô.

Os objetos permitem “ler” as pessoas. Móveis, enfeites, quadros, utensílios circulam dentro do grupo, são apreciados, classificados. Esses objetos tem um valor histórico e emocional da memória familiar ou individual e foram cristalizados pela memória cultural de uma sociedade e estão vivos na contemporaneidade. São chamados objetos biográficos porque recordam pessoas ou momentos de suas vidas e fazem parte do contexto histórico de cada indivíduo, conforme Bosi (1994).

Desse modo as formas como estão organizados na casa relevam, de certo modo, aspectos da personalidade dos personagens, pois eles fazem parte da vivência cotidiana.

A casa é então um instrumento de Topoanálise. É um instrumento eficaz precisamente porque de uso difícil. Em suma, a discussão de nossas teses é levada a um terreno que nos é desfavorável. Com efeito, a casa é, à primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vidas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. (BACHELARD, 1994, p. 63).

A casa é cenário das experiências e vivências. A casa nas narrativas *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos Queirós são cheias de memórias, de espantos e de sabores favorecendo o desenrolar das ações, mas sobretudo de sentimentos que tecem a trama.

A casa e o universo não são dois espaços simplesmente justapostos. No reino da imaginação, ambos se atiram reciprocamente em devaneios opostos. [...] E, já que numa pesquisa sobre a imaginação devemos ultrapassar o reino dos fatos, sabemos bem que nos sentimos mais tranquilos, mais seguros na velha morada, na casa natal, que na casa das ruas que só de passagem habitamos. (BACHELARD: 2008, p.59)

A casa na obra *Por parte de pai* é um espaço que além de propiciar a rememoração do passado por parte do narrador é a descrição da rua em que ela se localiza que abre e fecha o livro. A casa é geradora de todos os sentimentos, ações e experiências que tecem a trama. É admirada pela rede de escritas e histórias que a compõe e funciona como esse espaço de retorno, completo

(repleto) de semelhanças e diferenças. A imaginação do narrador faz a recordação especialmente da casa e sua relação com algumas cenas vividas. Sobre a casa, Bachelard (2008) coloca que ela se reveste de elementos complexos representados por abrigos de solidão, como o quarto, o sótão e mesmo o porão, que ficam em meio aos espaços habitados.

Bachelard (2008) acrescenta sobre a casa: "É no último quartel da vida que compreendemos as solidões do primeiro quartel, quando a solidão da idade prolecta repercute sobre as solidões esquecidas da infância". No tempo das memórias, usualmente se recorda a infância. Em *Por parte de pai*, encontra-se esse momento da vida em que as recordações se fazem presentes.

É na casa que o narrador/personagem *Por parte de pai*, movido por um tom afetivo, desperta um impacto emocional, um sentimento valorativo. Relembrando passagens agradáveis e inocentes, o narrador expõe a forma como enxerga mundo sob a perspectiva da memória, mostrando as reminiscências significativas armazenadas em um tempo pretérito.

Um dos aspectos relevantes na obra de Queirós concerne ao papel do personagem na construção e consolidação dos espaços dos afetos. Utilizando-se da apresentação de uma série de acontecimentos marcantes em sua trajetória e, principalmente, pela comunicação de sentidos que o narrador lhes atribui, transforma determinados locais e objetos em lugares de memória. Halbwachs (2006), afirma que

a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2006, p. 189).

Nesse sentido, o tempo mostra a imagem da mudança, já o espaço mostra a imagem da permanência e estabilidade. Os lugares recebem a marca de um grupo e as ações do grupo deixam marcas em um lugar. O espaço faz lembrar a maneira de ser do grupo, é fonte de testemunhos, não há grupo desvinculado de um espaço.

É possível observar que, o espaço pode servir como um estabilizador da memória, auxiliando e servindo de referência e base para que ela não se perca através do tempo, mas que, através de associações entre os episódios e o espaço, sejam retomadas. E são a essas lembranças que um indivíduo pode

retornar, segundo o autor, durante toda a sua existência. De maneira parecida, Bachelard (2008), reforça que

todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. [...] Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa. A velha locução: “Levamos para a casa nova nossos deuses domésticos” tem mil variantes (BACHELARD, 2008, p. 25).

Dessa forma, as lembranças de espaços particulares, e aqui, mais especificamente, da casa, interferem na recepção e adequação a um novo espaço. A essas lembranças está relacionada também a imaginação, pois ela “trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir paredes com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção” (BACHELARD, 2008, p. 25). Para o autor, memória e imaginação não se deixam dissociar. Assim, a imaginação ou as fantasias de um indivíduo podem influenciar em suas memórias.

Por conseguinte, em suas observações, Bachelard (2008), relaciona espaço e memória enfatizando que

O espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta. É no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. (BACHELARD, 2008, p. 28-29).

A representatividade dos espaços nas narrativas memorialísticas, além de apresentarem um conhecimento topográfico, traz a sensação de que o tempo não passou para aquele lugar. As correlações dos lugares são perpassadas por um quadro de posicionamentos, um leque de experiências e vivências que se manifestam por meio da memória e através da figura do narrador. Conseqüentemente, além de contribuir para a preservação de espaços na memória, o narrador evidencia, através dos relatos memorialísticos, um destaque para a questão dos valores, choque entre as gerações, mudanças nos costumes das personagens e suas diferentes percepções sobre princípios que, de alguma forma, confirmam transformações dos personagens.

Assim sendo, cabe trazer a noção de Halbwachs (2006) acerca dos traços distintivos dos grupos investidos no contexto espacial e que designam o delineamento de determinada região, afora o despertar do senso de pertencimento. O autor pontua que a memória se constitui a partir do momento

em que o indivíduo se torna um ser social e, por isso, é difícil lembrar-se da primeira infância, pois as impressões não estão ligadas a nenhuma base até que o indivíduo se torne um ser social:

Nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto. (HALBWACHS, 2006, p. 157)

Segundo Santos (2015), as lembranças podem ser modificadas pelas impressões de um sujeito que já não é o mesmo, sendo esta particularidade também foco de nosso interesse. É nesse jogo de interditos por entre lugares de afeto, talvez já alterados pelo tempo e/ou pela ação humana. Consoante Halbwachs (2006, p. 160):

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. É claro, novos fatos excepcionais também têm lugar nesse contexto espacial, mas porque em sua devida ocasião o grupo tomou consciência com maior intensidade do que era há muito tempo e até esse momento, e os laços que o prendiam ao lugar lhe apareceram com mais nitidez no momento em que se romperiam (HALBAWACHS, 2006, p. 160).

A lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. A memória de um grupo se destacam por meio de lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos. O processo de lembrança provoca o reconhecimento, faz referência a algo já visto, além de favorecer a reconstrução do pensamento.

A relação entre memória e o espaço traz tanto lembranças individuais como lembranças do grupo vistas como semente de rememoração. As lembranças que dizem respeito à maioria dos membros e à memória mudará segundo o lugar social que ela ocupa. Assim, é possível compreender a sociedade através da estabilidade do contexto espacial.

Por meio da rememoração, o narrador personagem de *O olho de vidro do meu avô* recupera uma imagem do ambiente de sua infância. Rememorar é a

necessidade de criar espaços a partir dos quais se passa a reclamar o passado, transformando fragmentos da memória.

Em virtude da rememoração que desencadeia no narrador de *O olho de vidro do meu avô*, a forte percepção com a memória, por meio das lembranças e do espaço. (Faltou dizer algo. Você pode reformular retirando a expressão “Em virtude da” e a palavra “que”, colocada depois, ficando assim: “A rememoração desencadeia no narrador de *O olho de vidro do meu avô* a forte percepção através da memória, por meio das lembranças e do espaço.”) Isso só ocorre em razão da relevância adquirida pelo espaço: “Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante.” (HALBWACHS, 2006, p. 167)

Nas narrativas *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, a casa é o espaço que propicia a rememoração dos narradores, visto que é propulsora das lembranças, sendo caracterizada pela rede de escritas e histórias que a compõe. Em *Por parte de pai* Suas paredes são estampadas e os cômodos funcionam como páginas de um grande livro. A imaginação do narrador rememora especialmente a casa e sua relação com algumas cenas vividas, cuja experiência de base é o medo.

A habitação é palco da trama, palco das memórias do narrador de *Por parte de pai* que, situado em um presente da enunciação, resgata o seu passado, a sua infância e, nesta, a relação intensa vivida com o seu avô e sua avó paternos, ou seja, estabelece-se, pelo movimento da memória, o desenho da sua genealogia por parte de pai. Para reconstruir a si mesmo, por intermédio da memória, o narrador vale-se de um espaço agregador de suas lembranças: a casa do avô.

A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela curva as costas sobre o aguaceiro, retesa os rins. Sob as rajadas, dobra-se quando é preciso dobrar-se, segura de poder endireitar-se de novo no momento certo, desmentindo sempre as derrotas passageiras... Contra tudo e contra todos, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo. O problema não é somente um problema do ser, é um problema de energia e, conseqüentemente, de contra-energia. (BACHELARD, 2008, p. 62).

Então, a memória não é constituída apenas por sua relação com o tempo, mas também por sua relação com o espaço. Halbwachs (2006, p. 157) ensina

que “as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu”. Sendo assim, os espaços habitados e os objetos que nele se inserem constituem a subjetividade dos sujeitos. Por ser o local gerador da memória e, portanto, de todo o enredo, a casa recebe descrições detalhadas. Cada detalhe, as escadas, o quarto, o quintal, a cozinha, as janelas e outros espaços compõem um todo significativo.

[...] o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local máximo de minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta. [...] A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade (BACHELARD, 2008, p. 146).

A imagem de um espaço como a casa, pode assumir na percepção criadora do artista. (Faltou dizer algo. Sugestão: A imagem de um espaço como a casa assume grande importância na percepção criadora do artista.) A casa é o tempo inteiro tomada por uma lente que é a de primeiríssimo plano. Isso viabiliza seu papel como canal de expressão de sentimentos vários, desde a alegria ao medo. Personificada, a casa nos olha e força o nosso olhar sobre ela.

Bachelard (2008) assevera que a casa permite evocar os devaneios que ilumina a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação estão intimamente relacionadas. Ambas trabalham para o aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem.

A casa também se apresenta como um elemento essencial no texto e contribui com o entendimento deste, ao imprimir relações afetivo-positivas e afetivo-negativas com as personagens. Bachelard (2008) acrescenta que “a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo.” (BACHELARD, 2008, p. 24). Assim, o autor afirma que:

A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa. (BACHELARD: 2008, p.23)

É importante observar que “a casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 2008, p.62). Assim, pode-se deduzir que o sentido de intimidade que faz com que determinado espaço passe a ser percebido como espaço privado, como casa,

mesmo fora dos limites físicos da , é consequência do ato de habitar. Além de morar numa residência, habitar é viver e ao viver se adquire experiências que vão conferir intimidade que dá à casa – àquele espaço que se torna privado pelas experiências pessoais e íntimas – um sentido de habitação que transcende as paredes onde se mora.

A casa imprime reverberações emocionais. Funciona dentro das produções da imaginação material, como um abrigo, como um princípio de integração dos pensamentos, das lembranças e dos sonhos, ou seja, a casa tem um valor psicológico. Em qualquer casa que é habitada, imagina-se sempre mais do que ela é, pois, com esta imagem arquetípica, é possível justamente o ponto de união entre imaginação e memória.

O espaço é próprio da intenção que quer se estabelecer com os personagens. Ele é quem transmite e condiciona sentimentos a eles. O espaço da casa, na memória da saudade, acompanha, através do detalhamento de situações, impressões afetivas e sensoriais que permitem o conhecimento sobre as vivências do narrador. Assim, é possível ultrapassar a dimensão do território por onde as palavras transitam. Além de toda uma sentimentalidade, o espaço é o elemento que gera as descrições nas narrativas. Com ele, identificavam os estados de espírito dos personagens, épocas, situações que indicam condições, inclusive perceber as ações e reações das personagens.

As funções do espaço, assim como as imagens da infância, contribuem para o desenrolar da narrativa, haja vista a relação existente entre eles, bem como sua dependência para efetivação dos acontecimentos. Pode-se compreender a noção de espaço, a partir de uma ação incorporada e materializada pelos personagens, conferindo e atribuindo a esse espaço funções que norteiam e dão andamento às imagens dentro do enredo da narrativa.

Pra aceitar a imagem, para ouvir a imagem, é necessário viver esse estranho murmúrio do sol que entra num quarto onde se está sozinho, pois de fato o primeiro raio bate nas paredes. Esses ruídos serão ouvidos também – para lá do fato – por aquele que sabe que cada raio de sol transporta abelhas. Então tudo zumbe e a cabeça é uma colmeia, a colmeia dos ruídos do sol. (BACHELARD, 2008, p. 228- 229).

Nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* a casa constitui-se um espaço relevante, por ser o local gerador da memória e, portanto, de todo o enredo. Em ambas, a casa recebe descrições detalhadas. Cada detalhe dos microespaços, como a escada, o quarto, o quintal, a cozinha, as janelas, dentre outros, compõem um todo significativo, de modo a acompanhar as ações do narrador-personagem, por meio de detalhamento de situações afetivas e cotidianas.

É possível documentar e compreender a memória por meio do espaço. Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos memorialísticos e uma rememoração do espaço. Sendo assim, é possível observar que a memória, quando conectada com o espaço, resulta na construção de identidades e a partir delas (A PALAVRA “DELA” REFERE-SE A IDENTIDADES OU À MEMÓRIA? Estava escrito “dela”) podemos reconhecer os acontecimentos passados.

Assim, o tempo da infância é o das lembranças. A imaginação criadora se apropria do tempo e do espaço, conforme modelo revelador próprio do artista. Assim, a casa e outros meios percorridos pelo espaço e modalidades das relações com a memória moldam a consciência criadora do artista.

3.3 Lembranças da infância no processo de lembrar

Diversos são os fatores que colaboram para que uma lembrança seja revivida, individualmente ou até mesmo em grupo. No processo de lembrar/recordar, os indivíduos recuperam suas lembranças e ao mesmo tempo contribuem para a perpetuação das memórias. Para tanto, vale recorrer aos pressupostos de Ecléa Bosi (1994), sobre lembrança:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (1994, p. 55)

Evidencia-se nesse trecho a importância do exercício de lembrar. Desse modo, promover o resgate de lembranças é uma maneira de contribuir com a ampliação da memória. Os narradores do enredos construídos por Bartolomeu Campos Queirós rememoram o passado por meio das lembranças da infância, a partir das experiências vivenciadas com as pessoas que faziam parte do ciclo de convivência e imprimiram uma substancialidade às recordações dos fatos que os envolveram. Nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, a infância é muito recorrente, é o período a todo momento recordado pelo infanto-narrador.

A infância é certamente maior que a realidade. Para experimentar, através de nossa vida, o apego que sentimos pela casa natal, o sonho é mais poderoso que os pensamentos. São os poderes do inconsciente que fixam as mais distantes lembranças. Se não tivesse existido um centro compacto de devaneios de repouso na casa natal, as circunstâncias tão diferentes que envolvem a vida verdadeira teriam confundido as lembranças. (BACHELARD, 2008, p.35)

É importante observar que para o autor Bartolomeu Campos Queirós a rememoração da infância promove a comunhão entre memória, imaginação e lembrança. Diante da representação dos espaços da infância, os narradores de suas obras revelam refúgios sentimentais na figura dos avós paternos e maternos, que permanecem nas recordações da infância. As personagens centrais das obras investigadas tomam os espaços movidos por rememorações, permeadas pela imaginação, criatividade e encantamento.

Dessa forma, é importante observar que, ao evocar sua primeira lembrança de infância, o narrador fala que algumas pessoas corroboraram sua lembrança e, assim, confirma as palavras de Bosi (1994), pois segundo ela,

“somos de nossas recordações, apenas uma testemunha que, às vezes, não crê em seus próprios olhos e faz um apelo constante ao outro para que confirme nossa visão” (p. 407).

Ecléa Bosi (1994) mostra que o conjunto de lembranças deixa a divisão do tempo que nelas se opera e que a infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam.

Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Pode, às vezes, a pessoa fixar-se no ponto de vista de um certo ano de sua vida. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro. (BOSI, 1994, p. 415)

Ao falar em significação da infância, é observado em Bosi (1994), a infância como construção simbólica, aspecto a ser explorado a partir de lembranças. Etimologicamente, o termo infância vem do latim *infantia*, formado por *in-*, negativo, mais *fari*, “falar”, significando que a fase inicial do ser humano seria caracterizada pela ausência de fala. Segundo o dicionário de símbolos, infância é definida como:

Infância é símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado e, portanto, o estado edênico, simbolizado em diversas tradições pelo retorno ao estado embrionário, em cuja proximidade está a infância. Infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade ... (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003, p. 302)

Assim, pode-se ver que nas obras de Queirós a infância encontra-se revestida de um fator relevante: o tempo de felicidade. Não é difícil ao leitor deparar-se com textos que aludem a esse momento como um tempo em que se foi mais feliz. Por isso, é frequente localizar elementos que reforcem essa ideia. De acordo com Bosi (1994):

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSI, 1994, p. 68).

O pensamento de Bosi (1994) concorda com Halbwachs (2008). Segundo ele, as lembranças da infância se justificam por uma corrente de pensamento coletivo mais amplo. Os fatos ficam guardados quando têm uma significação social. Se lembramos de algo é porque foi sentido no seio da comunidade. Além disso, ele defende que a criança, como ser que vive em comunidade, não deve ser pensada fora dela.

São as memórias de infância que ajudam a mostrar uma determinada trajetória, bem como pelas situações enfrentadas ao longo do tempo, tais como a saudade, a perda e as conquistas, a instabilidade de tempos, espaços, lugares e relações afetivas, num mundo em constante transformação.

Nesse sentido, rememorar implica estar sempre remexendo fatos ou momentos sutis do passado, inclusive da infância, e vendo aí possibilidades de agir sobre o presente. Rememorar é partir de indagações presentes, para trazer o passado vivido como opção de busca atenciosa, em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. É eminente que não se trata apenas de não esquecer o passado, mas agir sobre o presente.

A criança sofre, o adolescente sofre. De onde nos vêm, então, a saudade e a ternura pelos anos juvenis? Talvez porque nossa fraqueza fosse uma força latente e em nós houvesse o germe de uma plenitude a se realizar. Não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo. E assim foi o primeiro encontro da criança com o mar, com o girassol, com a asa na luz. Ficou no adulto a nostalgia dos sentidos novos. (BOSI, 1994, p. 83)

Na concepção de Bosi (1994), não basta um esforço abstrato para recriar impressões passadas, nem as palavras exprimem o sentimento de diminuição que acompanha a impossibilidade. Perdeu-se o tônus vital que permitia aquelas sensações, aquela captação do mundo. Vale ressaltar que ao passar na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, é uma evocação. Todas essas lembranças do vivido são latentes, principalmente, quando associada ao grupo familiar, quando este é de fato referência para o narrador.

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão

fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho, tornar-se pai; se patrão, tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível; será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o meu Francisco para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa. "a sucessão de etapas na memória é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra. (BOSI, 1994, p. 425).

Nesse ponto, a infância é, assim, idealizada, ao mesmo tempo que se mostra como um momento feliz, carrega vestígios de lembranças positivas e negativas. Nessa fase, o sujeito-criança é induzido, ou mesmo, obrigado a seguir as regras estabelecidas pelos adultos. Como um ser em formação, a criança segue os ensinamentos da família. Por outro lado, a criança quer ter uma vida feliz. Através da rememoração, o menino narrador de *O olho de vidro do meu avô* busca um ideal de vida, de comportamento, de família e de seus membros: mãe, pai, irmãos, tios, avós. A memória da infância é despertada pelas sensações que vêm do paladar e que rapidamente levam o narrador ao tempo e à casa da infância, cuja imagem pode ser relacionada ao aconchego e proteção.

Segundo Freud (1986), as recordações fragmentárias dos primeiros anos não se dissipam da memória. O psicanalista mostra que as cenas da infância estão marcadas nas releituras que se faz do passado. Ele afirma que ninguém contesta o fato de que as primeiras experiências dos primeiros anos de vida deixam traços inerradicáveis no ser.

as lembranças relativas à infância talvez sejam tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. (FREUD, 1986, p. 286-287).

A lembrança encobridora abordada por Freud, são lembranças retidas, porém evidenciadas no adulto. Freud (1986) acrescenta que a rememoração se dá com a forma de acontecimentos não mnêmicos. É a repetição em que o ato repetido faz as vezes de lembrança. "Nossas lembranças de infância nos mostram os primeiros anos de nossa vida, não como eram, mas como aparecem ao ser enfocados em épocas posteriores" (p.132). Freud (1986), se refere a um tipo de memória encobridora, como uma remontagem de

lembranças de épocas diferentes seria um caminho para se encontrar outras experiências conexas. Conforme Freud (1986):

A lembrança encobridora pode ser descrita como “regressiva” ou “progressiva”, conforme exista uma ou outra relação cronológica entre o encobrimento e a coisa encoberta. De outro ponto de vista, podemos distinguir as lembranças encobridoras positivas das negativas (ou lembranças refratárias), cujo conteúdo estabelece uma relação antitética com o material suprimido. (FREUD, 1986, p. 285).

Para Freud são recordações nas quais o conteúdo manifesto é visto pelo sujeito como não significativo, banal. Todavia, esse conteúdo é rico em detalhes, sentimentos precisos e intensos, chegando muitas vezes a serem alucinatórios.

Freud (1986), ressalta que as lembranças encobridoras não seriam completas invenções, mas carregariam um grau de alteração na medida em que transferem um determinado fato para um período ou lugar em que ele não ocorreu, unem ou substituem imagens de pessoas, ou aglutinam cenas de tempos diferentes em uma só. Tudo isso com o objetivo de evitar o contato com memórias desagradáveis. Dessa forma, Freud (1986) afirma que, mais do que com lembranças provenientes da infância, lidamos com lembranças relativas à infância:

Nos tempos do despertar, as recordações da infância não afloraram, como se costuma dizer, senão que foram formadas nesse momento; e uma série de motivos, aos quais é alheio o propósito da fidelidade histórico-vivencial, influenciou sobre essa formação e sobre a seleção de recordações (FREUD, 1986, p. 315).

Ele explica que em geral aquilo que se recorda do passado são eventos importantes, que de alguma forma causaram um grande impacto. Entretanto, muitas vezes, surpreende-se por esquecer fatos que são considerados importantes e faz lembrar de outros que não parecem ter grande importância.

Há, sobretudo, o seguinte aspecto: na maioria das cenas infantis importantes e, em outros aspectos, incontestáveis, o sujeito se vê na recordação como criança, sabedor de que essa criança é ele mesmo; no entanto, vê essa criança tal como a veria um observador externo à cena. (FREUD, 1986, p. 286).

Assim, a demarcação entre lembrança e fantasia dá lugar a dúvidas. Por isso a memória pode atuar ao substituir uma lembrança por uma montagem, ou seja, funciona como resistência a lembrar através da criação de disfarces, de derivados.

Por meio da memória individual o narrador retoma fases de sua existência, principalmente, da infância. Articulando o que está no passado com o seu estilo comedido, aproxima duas modalidades de memória: individual e coletiva. Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória, uma capacidade de rememoração pessoal, nesse sentido Halbwachs (2006), traz sua concepção de lembrança:

A ideia de lembrar é automática para o indivíduo que participou do fato e que consegue relatá-lo ou guardá-lo. Um testemunho deve contar com a rememoração para que um fato se torne memória. A partir do testemunho do “eu” o evento pode ser vivido e recordado. A memória pode ser revelada como as reminiscências do passado, aflorando o pensamento e armazenando de fatos vividos no passado, o funcionamento da memória individual não possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS 2006, p.72).

Dessa forma, uma lembrança reconhecida e reconstruída, ao ser rememorada supera o plano individual, pois as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança, segundo Halbwachs (2006), pode existir apartada dos grupos sociais. A memória individual e a memória coletiva estão enraizadas em diferentes contextos.

Nas narrativas de Bartolomeu Campos Queirós, o narrador compartilha momentos em que sua memória é posta em funcionamento. O narrador reconstrói textualmente não apenas as lembranças do passado repletas de representações, mas também o modo como são desencadeadas a partir de percepções do mundo presente e a maneira como afetam o sujeito recordador. Assim, é possível constatar que conforme o narrador relata suas memórias no tempo da narração, rememora o passado adormecido e materializa as lembranças desse passado no texto. Quando narrativa é contada, as experiências vividas pelo sujeito adentram também o esquecimento e a memória.

4 POR PARTE DE PAI E O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ: MEMÓRIAS RENITENTES

As narrativas *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos Queirós², aproximam-se pela abordagem memorialística que será analisada, neste capítulo. Para alcançar os objetivos da análise será apresentado neste capítulo um panorama das obras estudadas.

No primeiro tópico, será exposto uma apreciação crítica à respeito da personagem, usando como base teórica Antônio Candido (2009). Em seguida, as obras serão analisadas na perspectiva memorialística na visão de Halbwachs (2006), bem como da leitura das obras sob a influência da imaginação, na perspectiva de Paul Ricoeur (2007). Vale ressaltar um breve resumo das obras PPP e OVMA.

No tópico seguinte, analisar-se-á a casa e seus microespaços como refúgios de memória e o sentido da existência. Tal estudo será fundamentado nos teóricos que pontuam as discussões acerca do espaço, especialmente de Bachelard (2008).

4.1 O olho de vidro do meu avô e Por parte de pai: amparo das lembranças

As narrativas de Bartolomeu Campos Queirós trazem o olhar de uma criança sobre o mundo ao seu redor, carregado de sentimentos poéticos e revelações, como quem lê um livro de memórias. Cheiros, sensações, sonhos, medos e dúvidas constantes permeiam seus enredos. E o que se descortina à sua frente são questões filosóficas acerca do tempo, da existência, da vida e da morte. Todavia, indubitavelmente, sua obra ao evidenciar a prosa memorialística, com tamanha carga subjetiva, transpassa a barreira da literatura destinada somente ao público infantojuvenil, e se configura com uma literatura de alto nível.

Em ambas, os acontecimentos vividos pelos narradores transformam-se a partir das impressões e da imaginação que imprime ao vivido no reencontro com os fatos da infância. Desse modo, as memórias recuperadas se apresentam

² As referências feitas às obras, objeto desta pesquisa, ao longo do trabalho serão identificadas por (PPP) e (OVMA) para as obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, respectivamente.

como um misto de realidade e ficção, chegando a problematizar a exatidão dos fatos.

Nas duas obras, há presença de um menino que revisita o passado da infância, na busca de compreensão sobre o sentido dos acontecimentos vividos. Por serem memorialísticas, as narrativas não obedecem a rigidez do tempo cronológico, ou seja, não apresentam linearidade de fatos, já que o recordar, por si só, não é linear. Neste sentido, nas referidas obras, temos a infância retratada a partir de recortes no tempo. Os eventos são recuperados sem compromisso com o calendário. Isso se deve ao fato de que as memórias contadas trazem nuances de fantasias e sonhos em meio a fatos “reais”, o que impedem uma ordem de tempo e datações.

Assim, a ordem dos acontecimentos é subvertida ao longo das narrativas, posto que a percepção vai mudando com o tempo e com a experiência do sujeito que narra. Como assevera Bosi (1994, p. 415), "a sucessão de etapas na memória é dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra". Desse modo, os narradores de OVM e PPP acionam fatos entrelaçados nas lembranças, nem sempre correspondentes à experiência sequencial.

A obra *Por parte de pai*, publicada em 1995, enfatiza a época em que o menino vivera na cidade de Pitangui/MG em casa dos avós paternos, Joaquim e Maria Queirós. Narra a profunda relação do menino-narrador com o avô paterno, que tinha o costume de escrever nas paredes da casa os acontecimentos importantes da vida, condensando-os em pequenas frases cheias de significação:

Eu já sabia decifrar a língua dos dromedários, agora, com meu avô, aprendia a dizer uma coisa para valer outra. Lembrei-me do canto da parede, onde estava escrito: 'Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra. (QUEIRÓS, 1995, p. 63)

Um mútuo amor calado, imenso, perpassa pelas páginas deste livro em que o avô reina e o neto é o seu súdito encantado. E um registro de fatos, ora poéticos, ora curiosos, vai-se revelando ali, na conquista de um tempo que não retoma retorna, a não ser pela magia da literatura. Quem nos oferece esta viagem encantadora é o menino narrador de *Por parte de pai* que ainda guarda, entre pequenos sinais elaborando hoje sua maturidade, a infância cheirando a alfazema com suas lembranças que não se perderam nas esquinas.

A paixão do avô pela escrita, o seu hábito quase religioso de escrever, nas paredes da casa, todo e qualquer acontecimento da cidade e o amor silencioso entre o neto e o avô são matérias principais que refletem as lembranças do infante-narrador resgatadas pela infância, os momentos felizes, de interação com os irmãos, o convívio com a mãe e suas brincadeiras, o aconchego e da segurança proporcionados pelo pai. A obra é narrada por um narrador protagonista que com muita subjetividade rememora sua infância na casa de seu avô, na rua da paciência:

Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa morro abaixo. Morria depois da curva, num largo com sapataria, armazém, armarinho, farmácia, igreja, tudo perto da escola Maria Tangará, no alto de São Francisco. (QUEIRÓS, 1995, p.70)

Em *O olho de vidro do meu avô*, publicada em 2004, o menino-narrador apresenta a vida do avô materno que, por ser cego de um olho, utiliza um olho de vidro por vaidade. O menino vivia a imaginar os mistérios escondidos atrás do olho de vidro do avô Sebastião. A imagem do olho falso, sem vida, imóvel, é abordada pelo infante-narrador por meio de metáforas que exploram o seu poder de alcançar o inimaginável, a fantasia, podendo ser compreendido como uma alusão do próprio fazer ficcional, sendo o olho que enxerga o que os sentidos não alcançam.

O que o seu olho de vidro não via, ele fantasiava. E inventava bonito, pois eram da cor do mar os seus olhos. E todo mar é belo por ser grande demais. Tudo cabe dentro de sua imensidão: viagens, sonhos, partidas, chegadas (...) Devia ser sem tamanho seu olhar de vidro. Ele parecia conhecer até o depois dos oceanos. (QUEIRÓS, 2004, p. 6)

Por meio da linguagem do olhar, os dois se relacionam afetuosamente, mas de forma emudecida, talvez pelos segredos guardados naquele olho de vidro. São essas dúvidas do neto que leva consigo, dando vida ao que lê e compondo essa narrativa memorialística.

Era de vidro o seu olho esquerdo. De vidro azul-claro e parecia envernizado por uma eterna noite. Meu avô via a vida pela metade, eu cismava, sem fazer meias perguntas. Tudo para ele se resumia em um meio mundo. Mas via a vida por inteiro, eu sabia. Seu olhar, muitas vezes, era parado como se tudo estivesse num mesmo ponto. E estava. Ele nos doava um sorriso leve com meio canto da boca, como se zombando de nós. O pensamento vê o mundo melhor que os olhos, eu tentava

justificar. O pensamento atravessa as cascas e alcançava o miolo das coisas. Os olhos só acariciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação. (QUEIRÓS, 2004, p.5)

As duas narrativas coincidem, dadas as interseções de memória entre alguns fatos. Vale destacar o trecho sobre o galo Jeremias em *Por parte de pai*, que é mencionado logo em seguida na obra *O olho de vidro do meu avô*. “Jeremias ciscava solto por todo canto, cego de um olho! Seu mundo se dividia em luz e trevas.” (QUEIRÓS, 1995, p. 28). Ambas expõem a infância como um tempo de alegria, mas também como uma fase da vida intensamente permeada de dúvidas, temores e inquietações. “Tive um galo que se chamava Jeremias. Como meu avô, ele só via um lado do mundo.” (QUEIRÓS, 2004, p. 14).

Como mostra também a epígrafe ao livro *O olho de vidro do meu avô*, Bartolomeu Campos Queirós apresenta: “A infância já não existe presentemente, existe no passado que já não é” (QUEIRÓS, 2004, p. 4). A frase leva o leitor a pensar que esta será uma narrativa que retomará a infância como em outra obra do autor: *Por parte de pai*. Nas duas narrativas, o tempo parece correr mansamente e a infância é o elemento que coincide em ambas.

Em *Por parte de pai*, há um fragmento que dialoga com a história narrada em *O olho de vidro do meu avô*, quando o menino-narrador adulto recorda da mãe e do olho falso que ela guardava como lembrança do pai.

Minha mãe deixou o olho de seu pai. Ela guardava com tanto zelo e agora estava sem dono. Minha mãe ia gostar muito do Jeremias quase tanto quanto gostava de seu pai. Meu avô morreu por amor e seu corpo foi encontrado dias depois, na hora do crepúsculo. O olho de vidro indicou a origem dos restos. Era preciso aprender a desamarrar os nós, mesmo não trabalhando na fábrica de tecidos (QUEIRÓS, 1995, p. 31).

Nesse sentido, a memória tem uma qualidade nebulosa e fugidia na busca do tempo da infância. Em *Por parte de pai* há uma descrição fiel da infância do narrador, a recordação atua como agente impulsionador da memória. “E cada dia eu nascia um pedaço. Alguns pedaços me encabulavam mais.” (QUEIRÓS, 1995, p. 27). Pelo modo de narrar, temos a impressão de que os fatos marcaram a infância da personagem e ainda parecem muito recentes. Da mesma forma, acontece em *O olho de vidro do meu avô*. O narrador observa que o discurso da memória, que organiza lembranças e esquecimentos, cria também recordações. “Com o olho do desejo ele inventava. Com o olho da verdade ele só via o que já existia” (QUEIRÓS, 2004, p.37).

Os narradores de *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* propõem mostrar uma infância rica em seus vários aspectos, expressando e transbordando no tempo a imaginação de uma criança que guarda com carinho, pela a vida a fora, todos os acontecimentos, sobretudo, a emoção vivida.

“Tive um galo que se chamava Jeremias. Como meu avô, ele só via um lado do mundo.” (QUEIRÓS, 2004, p. 14). A frase leva o leitor a pensar que esta será uma narrativa que retomará a infância na obra *Por parte de pai*. “E cada dia eu nascia um pedaço. Alguns pedaços me encabulavam mais.” (QUEIRÓS, 1995, p. 27). Pelo modo de narrar, temos a impressão de que os fatos marcaram a infância da personagem e ainda parecem muito recentes. “Com o olho do desejo ele inventava. Com o olho da verdade ele só via o que já existia” (QUEIRÓS, 2004, p.37).

Em *O olho de vidro do meu avô*, o menino narrador utiliza-se da metáfora do olho de vidro para rememorar sua infância e também nos permite pensar o fazer literário, numa sensação de apego concebida por lembranças de saudade e de dor, como é possível comprovar no trecho abaixo:

Escutei, pela primeira vez, falar do santo homem na parede da copa, perto do relógio em fora de oito. Batia de meia em meia hora e meu avô não esquecia de dar corda. Segundo minha avó, meu avô me dava também muita corda. Padre Libério visitava as cidades, as fazendas, os sítios, benzendo cobras, escorpiões, bicheira de gado, erisipela. (QUEIRÓS, 2004, p. 15).

Em *O olho de vidro do meu avô*, o neto guarda entre pequenos sinais um mútuo amor calado e imenso entre ele e o avô, por uma infância com lembranças que não se perderam. “A memória é uma faca de dois gumes. Ela guarda fatos que me alegra em recordar, mas também outros que desejaria esquecer, para sempre. A memória é como cobra: morde e sopra. (QUEIRÓS, 2004, p.17)”
Recompõe poeticamente a vivência em família de um menino do interior, evidenciando seus traços em tom confessional. Isso é possível perceber no fragmento abaixo:

Nos domingos e dias-santos a família assistia à Missa. Missa longa, cheia de glórias, credos, benditos. Minha avó cobria a cabeça com um véu de filó preto. Também devia ser transparentes suas tristezas maduras. Mantinha as mãos postas agradecendo ao Senhor todo o desamor. (QUEIRÓS, 2004, p. 40).

O memorialismo é uma experiência vivida e revivida na da temporalidade, apresentada com uma linguagem de retrospectiva. Essa retrospectiva é evidenciada na ficção memorialística e permeia a técnica narrativa.

O personagem narrador de *O olho de vidro do meu avô* faz uma observação íntima dos fatos, com uma mistura de realismo e sentimentalismo e apresenta a sua memória através da experiência que lhe é característica. São as lembranças que contribuem com os entrecortes da história principal e não as horas ou datas de um calendário.

Nas obras aqui analisadas, o destaque será para o narrador personagem, embora não se possa eximir a relação que estabelece com os outros elementos da narrativa. O narrador das duas obras são protagonistas das histórias. Suas maneiras de contar são fortemente marcadas por características subjetivas, emocionais, para tanto, vale ressaltar a personagem de ficção a partir da concepção teórica de Candido.

Para Cândido (2009), a personagem é um ser fictício, mas construído de tal maneira que, em muitos casos, é como se fosse uma extensão do humano. Ainda para Cândido (2009), a personagem pode ser classificada como de costumes ou personagens de natureza, sendo que as personagens de costumes trazem elementos/características de personalidade fortemente marcada, que podem influenciar o desenrolar das ações na narrativa.

Além disso, as características são invariáveis e reveladas com antecedência de tal modo a fazer com que o leitor se convença de que a personagem é o que realmente demonstrou no começo do texto. Quanto a personagem de natureza, para Cândido (2009), constrói-se ao longo do enredo, pois ao contrário da anterior, a de natureza não traz características identificáveis logo no início do texto. Elas se desenvolvem ao longo da narrativa, podendo se mostrar irregulares, isto é, não se apresentam de forma uniforme no texto.

Segundo Cândido (2009), a ficção é um lugar ontológico privilegiado. Para ele, é um lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo. É também, lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria

situação, por isso cabe ao personagem tal atuação. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.

Embora sejam narrativas de estrutura simples, *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* são textos nos quais as personagens nos chamam a atenção, cada um por um motivo em particular. As narrativas de Bartolomeu Campos Queirós trazem aspectos e personagens que chamam a atenção ao longo da leitura. Esta ideia já está expressa no primeiro período. Bastava incluir no início a palavra “aspectos” e esse trecho marcado pode ser retirado). Ao fazer a leitura de *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* cria-se uma ideia de como é o personagem, de como vive, se veste, pratica suas atitudes. Nesse sentido, o leitor tem a liberdade de poder imaginar a figura de um personagem, ainda que o autor, muitas vezes, deixe registrado no texto aspectos que caracterizem os personagens.

Para Cândido (2009), personagem é um ser fictício, mas que é construído de tal maneira pelo autor que, em muitos casos, o personagem é como se fosse uma continuação do ser humano. Segundo Cândido (2009), o personagem pode ser classificado como personagens de costumes ou personagens de natureza, sendo que personagens de costumes trazem elementos e características de personalidade fortemente marcados, que podem influenciar o desenrolar das ações na narrativa. Assim, essas características são invariáveis e reveladas com antecedência para fazer com que o leitor se convença de que o personagem é o que realmente demonstrou no começo do texto, ou seja, é uma personagem plana, estacionária, que não muda no decorrer narrativa, diferentemente de personagens esféricas ou evolutivas, que vão se definindo ou evoluindo no decorrer da narrativa e podem surpreender o leitor; como se ver na obra analisada a seguir.

O infante-narrador de *O Olho de vidro do meu avô* pode ser classificado como personagem de natureza (CÂNDIDO, 2009), pois é um personagem cujas características psicológicas vão sendo construídas ao longo da narrativa. E essas características não são uniformes, isto é, elas se alteram ainda que de forma permanente e é possível confirmar esta afirmação na obra *O Olho de vidro do meu avô*.

Meu pai dirigia um caminhão muito grande e bonito. Viajava para longe, levando manteiga para as cidades que só produziam pão. Bom Destino tinha pão e manteiga. Passava dias distantes e

voltava trazendo uma carroceria de notícias. Eu ficava impressionado como era grande o mundo do meu pai. Ele colocava um travesseiro sobre seus joelhos, me assentava em cima e me entregava o volante para eu dirigir. Naquele tempo eu não sabia nem frear meus pensamentos. (QUEIRÓS, 2004, p.28).

O primeiro personagem a ser analisado em *Por parte de pai* é o narrador, que é colocado como personagem principal do romance, pois o enredo do texto é contado e vivido por ele. Neste contexto, observa-se um narrador homodiegético, isto é, o personagem conta e participa da história, como pode ser observado no trecho abaixo:

Abria a porta de manso, para verificar se a chuva de vento não estava entrando pela janela, e benzia meus sonhos. Então com a mão muito branda, arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa benção leve como os gatos. Também meu avô era econômico nos carinhos e tímido nos gestos. Nesta hora quando os raios esfaqueavam o resto da noite, enrolado em meus pensamentos eu me esforçava para perdoar meu avô por não amar os gatos. (QUEIRÓS, 1995, p.54).

Para Cândido (2009), os personagens de natureza constroem-se ao longo do enredo, pois não trazem características identificáveis no texto, desenvolvendo-se ao longo da narrativa. O menino narrador de *Por parte de pai* pode ser classificado como personagem de natureza (CÂNDIDO, 2009), pois é um personagem cujas características psicológicas vão sendo construídas ao longo da narrativa. E essas características não são uniformes, isto é, elas se alteram mesmo que não sejam percebidas.

Outro personagem que tem grande relevância para o seguimento do texto é o avô paterno em *Por parte de pai*. Esse personagem também poderia ser classificado como personagem principal, pois segue a mesma linha de conceitos sobre narrador personagem. Ambos protagonizam os conflitos centrais do texto, atingindo em vários momentos o clímax da narrativa, como se vê no excerto abaixo:

Usava todas as janelas da casa, apreciando os quatros cantos do mundo, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, uma nova lembrança. Havia tanto mundo para ver, dava até preguiça, dizia ele. Uma coisa meu avô sabia fazer: olhar. Passavas horas reparando o mundo. Às vezes encarava um ponto no vazio e só desgrudava quando transformava tudo em palavras nas paredes. Ele não via só com os olhos. Via com o silêncio (QUEIRÓS, 1995, p. 25).

Em *O Olho de vidro do meu avô*, o avô materno também protagoniza os conflitos centrais do texto, atingindo em vários momentos o clímax das narrativas, suas ações e aparições em determinados momentos no texto, chega a surpreender o leitor de maneira convincente, mostrando as características do personagem como nos excertos abaixo:

Meu avô imaginava sempre, eu acreditava. Vencia as horas lerdas deixando o mundo invadi-lo por inteiro. Ele hospedava essa visita sem espanto. Saboreava o mundo com antiga fome. O que seu olho de vidro não via, ele fantasiava. E inventava bonito, pois eram da cor do mar os seus olhos. E todo mar é belo por ser grande demais. Tudo cabe dentro de sua imensidão: viagens, sonhos, partidas, chegadas, mergulhos e afogamentos. (QUEIRÓS, 2004, p.6).

Vale a pena comentar algo acerca do narrador de *O olho de vidro do meu avô*. Ele pode ser entendido como um personagem de costume (CÂNDIDO, 2009), pois carrega a mesma característica psicológica ao longo de toda a narrativa.

Ele se recostava na cadeira de balanço e se embalava de mansinho como se o mundo morasse em seu colo. Balançava leve para não acordar o silêncio. Guardava uma secreta ternura pelo silêncio. Com ele aprendi que no silêncio cabe tudo. O silêncio decifra todos os labirintos. Não existe um só ruído que o silêncio não escute. (QUEIRÓS, 2004, p. 10).

A ordem dos acontecimentos é subvertida, ao longo das narrativas, posto que a percepção vai mudando com o tempo e com a experiência do sujeito que narra. Desse modo, os narradores de *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* acionam fatos entrelaçados nas lembranças. Em ambas, os acontecimentos vividos pelos narradores transformam-se a partir das suas impressões e da imaginação que imprime ao vivido no reencontro com os fatos da infância.

A memória tratada nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* de Bartolomeu Campos Queiros deixam evidente o sentimento de apego familiar que nutre o protagonista, evidenciando o que diz Halbwachs (2006):

Na ordem das relações afetivas, em que a imaginação desempenha um papel desse tipo, um ser humano que é muito amado e que ama moderadamente muitas vezes só se dá conta tarde demais ou talvez jamais se dê conta da importância que foi atribuída às suas menores ações, às suas palavras mais insignificantes (HALBWACHS, 2006, pág. 23).

Nas obras memorialistas de Bartolomeu, prevalece a temática de representações em família, como por exemplo, a relação com os avós. Prevalece o tom confessional, o testemunho de um narrador-personagem que, por sua vez, revela-se sensível e imaginativo.

O dias venciam a esperança. Minha avó, cheia de perdão, não varria a casa, não alvejava a roupa, não bordava flores e espinhos nas toalhas. Não era importante preparar a mesa e nem havia fome. Seu olhar se fez vago, sua fala sem firmeza, seu corpo curvado. Não corriam mais lágrimas. Seu rosto era molhado pelo quase luto. Certo pudor impedia minha avó de se assentar à porta da casa. E mais dias venciam a espera. O tempo foi acomodando o desaparecimento. A dúvida passou a ser a única verdade. E como a dúvida doía. (QUEIRÓS, 2004, p.45)

A memória privilegia uma temporalidade natural. As inter-relações familiares possibilitam obter a compreensão de situações já vividas. Nas narrativas *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, observa-se as possibilidades de conhecer a existência de outras pessoas através dos registros feitos pelo avô nas paredes da residência, servindo como fonte de conhecimento para o menino-narrador.

Eu já sabia decifrar a língua dos dromedários, agora, com meu avô, aprendia a dizer uma coisa para valer outra. Lembrei-me do canto da parede, onde estava escrito: 'Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra'. Não sei o que foi feito do fígado da vizinha de Jó. As palavras tem muitos gostos – pensava – e era impossível saber seus sabores verdadeiros. (QUEIRÓS, 1995, p. 63)

O afloramento do passado, a memória, que é o ponto onde Bergson (1999) propõe-se a chegar e pelo qual nós aguardamos, dá-se por meio das percepções, pois é deste que parte o chamado ao qual a lembrança responde. Os dados imediatos e atuais dos nossos sentidos são combinados a milhares de pormenores da nossa experiência passada. Essa memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Tais características podem ser observadas na narrativa *O olho de vidro do meu avô*:

Meu avô não deixou herança. Sobraram os ternos de linho engomados no guarda-roupa, a mala com as pílulas, a cadeira de balanço embalando todo o silêncio de mundo. Mas para mim, depois de passar de mão em mão, restou seu olho de vidro, agora sobre minha mesa, dormindo num pires. E sempre que passo diante dele repito: olho de vidro não chora. Olho de vidro brilha por não ver. Nunca vou saber o que o olho de vidro do meu avô não viu (QUEIRÓS, 2004, p. 46).

Dessa forma, a memória teria como função limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de conduzir o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo antes.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1999, p.47).

É possível observar que a percepção vale-se do passado e expõe aquilo que, de algum modo, se conservou: “[...] a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.” (BOSI, 1999, p.47).

Dessa forma, possui um caráter não mecânico, mas evocativo em seu aparecimento por via da memória. “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural.” (BOSI, E., 1999, p.49). Assim, as duas memórias diferenciam-se porque a “[...] imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia a dia.” (BOSI, 1999, p.49).

O tempo vivido é retratado, transitando por diversas significações e acontecimentos narrados, buscando em registros da memória elementos para compor as narrativas. É assim nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*. Nas duas narrativas funciona como instrumento que resolve os conflitos do narrador. Como o narrador resgata suas experiências e impressões de criança, seu relato envolve o leitor, que percebe o herói enfrentando suas angústias e descobertas da infância. A partir desse ponto Halbwachs (1990), acrescenta:

[...] Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo. Ela não mais está fechada em si mesma, pois que seu pensamento comanda agora perspectivas inteiramente novas, e onde ela sabe muito bem que não está só a vaguear seus olhares [...]. (HALBWACHS, 1990, p.62)

Rememorar é lembrar o fato, é repensar o vivido e antes de tudo é entender o que ficou incompreendido. Rememorar acontecimentos da infância torna-se indispensável ao narrador através da expressão de convivência familiar e os relacionamentos afetuosos vividos. Em *Por parte de pai*, o menino narrador vivia com os avós, Joaquim e Maria. A mãe tinha morrido e o pai era caminhoneiro. Em uma manhã Maria contou que tinha sonhado com um animal, mas não se lembrava de qual se tratava. Joaquim a chamou de vaca e no mesmo momento um cambista passou vendendo uma tira de vaca. Ele comprou na hora toda a tira.

Segundo Halbwachs (1990), sempre recorreremos a testemunhos e que o primeiro testemunho a que recorreremos será sempre o nosso. A nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros. Em *Por parte de pai*, essas lembranças são compartilhadas com veemência, como nos mostra o fragmento a seguir:

O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, e as estrelas. Ele é o dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões, duram pouco na boca do tempo. Sua garganta traga as estações, os milênios, o ocidente, o oriente, tudo sem retorno. E nós meu neto, marchamos em direção a boca do tempo. (QUEIRÓS, 1995, p.72)

Quando uma narrativa realiza a retratação de aspectos que configuram a memória, faz com que o leitor busque em suas próprias experiências, momentos únicos, transformando-os em recordações e lembranças. Quando está narrando, o personagem convida o leitor, através do testemunho, a compreender e imaginar como se divide o tempo, como se fragmenta acontecimentos, eventos, circunstâncias.

A memória tem o poder de rever o passado, mas pode ser compreendida se não existir a ação no presente do sujeito que a recorda. É através da influência mútua como o outro que as lembranças são ativadas. O processo de lembrar faz parte da memória e abrange interpretar os fatos do passado por meio de recordações.

Para a relação entre o passado e o presente, há uma transmissibilidade das lembranças essencial para entender ações do homem diante das experiências e dos acontecimentos. Contar é revelar aquilo que se viveu. Ao lembrar, o indivíduo recupera outras lembranças. Ao voltar ao passado, para construir o presente, o homem confirma a sua necessidade de lembrar e a sua incapacidade de viver sem as lembranças e memórias do passado. O ato de rememorar, portanto, exerce um papel fundamental no processo de reconstrução da identidade individual e coletiva.

Ao testemunhar com o outro, a memória coletiva é acionada. A experiência da memória revela seu caráter entre o lembrar e o esquecer. Maurice Halbwachs (1990) explica a construção social dessa comunidade afetiva:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

A memória é um fator de construção, revela a história e a identidade do indivíduo. É graças à memória que se dá o fortalecimento do real e do imaginário. A memória permite contribuir para compor e revelar o testemunho. O acontecimento testemunhal realiza-se através da relação de poder dizer e do não poder dizer. O testemunho adquire existência mediante uma possibilidade de falar. O testemunho é a língua não arquivável. Por isso, o ato testemunhal é único e merece especial atenção. A narrativa testemunhal carrega interesses e ensinamentos específicos. Narrar o testemunho exige o compromisso com a análise de si mesmo e com a análise do outro.

O ato de relembrar é uma forma de reviver o passado, um tempo de memórias profundas, recordações reconfortantes, levam o personagem a buscar, em seus guardados de infância, cenas de aprendizado em família. Assim, o narrador de *Por parte de pai* faz referência a acontecimentos sociais importantes. A cidade, de tempos em tempos, recebia o Padre Líbero que benzia tudo e todos, usava uma batina escura, tinha as mãos macias, mornas e

morenas. Era um homem santo, até Maria que conversava com as almas e acreditava que dormir de meia chamava a morte acreditava nele. Certa vez, o padre benzeu o menino. Ele andava escutando barulhos e vendo vultos brancos. Havia momentos em que ele sentia vontade de ir para o seminário. A noite no seu quarto o menino via tudo se transformar, assim corria e acendia a luz.

Meu avô, pela janela, me vigiava ou me abençoava, até hoje não sei, com seu olhar espantando de quem vê cada coisa pela primeira vez. E aqueles que por ali passavam lhe cumprimentava: - "Oi, seu Queiroz". Ele respondia e rimava: - "tem dó de nós" (QUEIRÓS, 1995, p. 21)

Para Halbwachs (2006), algumas lembranças reais juntam-se a uma compacta massa de lembranças fictícias. Quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças, é porque a nossa memória não estava como uma tábua rasa. Neste conjunto de testemunhas exteriores, deve-se trazer uma espécie de semente da rememoração para que ele vire uma consistente massa de lembranças

O menino-personagem tem em sua essência a dor e a melancolia revividas a cada ato de rememorar. A morte da mãe, a ausência do pai, a separação dos irmãos, mostram a expressão do sofrimento vivida pelo protagonista, denotando um cenário de solidão diante das circunstâncias da vida, transformando recordações em lembranças. O menino temia não ser filho do pai e isso o fazia sofrer, pois implicava em não ser neto de Joaquim, o que mais lhe doía, ou o temor de ser órfão. Nas poucas vezes que seu irmão mais velho aparecia, guardava-o (aguardava-o) conhecendo os temores dele.

A imaginação é o ponto de partida da obra de Paul Ricoeur (2007). Ao longo da obra, o filósofo trata desde a imaginação evolutiva à imaginação criadora, passando pela imaginação social, transcendental, ilusória e hermenêutica. Para explicar seu pensamento, o autor expõe que há

[...] na experiência viva da memória, um rastro irredutível que explique a insistência da confusão comprovada pela expressão imagem-lembrança. Parece, mesmo que a volta da lembrança pode fazer-se somente no modo do tornar-se-imagem. permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume a função veritativa da memória. [...] E no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança (RICŒUR, 2007, p. 26).

Nesse aspecto, rememorar através da imaginação é também a forma como mantemos relações com o tempo. Desse modo, as memórias recuperadas se apresentam como um misto de realidade e ficção, chegando a problematizar a exatidão dos fatos. A literatura de Bartolomeu Campos Queirós nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô* conduz muito bem a fusão de dois mundos: o “real” e o imaginário.

[...] o exercício da memória é o seu uso; ora, o uso comporta a possibilidade do abuso. Entre uso e abuso insinua-se o espectro da “mimética” incorreta. É pelo viés do abuso que o alvo veritativo da memória está maciçamente ameaçado” (RICOEUR, 2007, p. 72).

Para Ricoeur (2007), não há criação de sentido sem a participação da imaginação. Ela está presente em toda sua filosofia, executando diferentes sínteses de termos heterogêneos. Tendo como pressuposto esse papel mediador da imaginação, Ricoeur (2007), aborda-a através da síntese dos enunciados metafóricos. Percebe-se, em *O olho de vidro do meu avô*, que o menino era curioso e guardava, na memória, as minúcias dos fatos ocorridos através da imaginação. Um exemplo é o dia que estava no quintal com seu avô, embaixo de um pé de jabuticabas. Para o menino, eram milhares de olhos pretos espiando-o e convidando-o a saboreá-los. Depois, compara os olhos azuis de seu avô ao mar e explica que “ver o mar com olhos azuis é o mesmo que ver a noite com olhos pretos” (QUEIRÓS, 2004, p.17), ou seja, não causaria emoção.

Com o olho direito meu avô via o sol, a luz, o futuro, o meio-dia. Com o olho esquerdo ele via a lua, o escuro, o passado, a meia-noite. Um dia me falaram que a alma tem dois olhos. Com um, ela olha para o tempo, com o outro, ela namora a eternidade. Um olho é do amor e o outro é do desamor. Mas eu não conhecia a alma. Sei que se fosse boa ia morar no céu. Se fosse má estaria, para sempre, no caldeirão do inferno. Aprendi isso no catecismo. (QUEIRÓS, 2004, p.8)

Em várias passagens do livro, o narrador personagem questiona-se sobre o que pode visualizar o olho de vidro, porém são latentes a proteção e o carinho que sente ao lado do avô.

Quase sempre eu sentia que olho de vidro do meu avô queria enxergar. Fazia um esforço sem tamanho. Enquanto o da direita via todos os lados, o olho da esquerda restava imóvel, fixo, preso, pregado, insistindo em imaginar o que estava em sua frente. Era triste e feio ver meu avô olhar de soslaio, ou melhor, tentar olhar de banda. Um olho ia e o outro ficava. Eu sempre

me colocava em frente ao meu avô. Tinha receio de ficar ao lado e seu olhar não me encontrar. (QUEIRÓS, 2004, p.12)

Desse modo, é por meio da linguagem imaginativa do olhar, que os dois se relacionam afetuosamente, mas de forma emudecida, talvez pelos segredos guardados naquele olho de vidro. São essas dúvidas do neto que levam o leitor a participar da história por meio da imaginação e das experiências de seu cotidiano, dando vida ao que lê.

O olho mágico do meu avô não cansava de espiar. Não era um olhar ameaçador, de olho por olho e dente por dente. Se não parecia um olhar de peixe-morto, também deixava de ser um olho-gordo ou um oha raso d'água. Seu olhar comprido derramava certa doçura tímida sobre todas as coisas como um olhar de poeta. Mesmo olhando para depois de tudo, seu olhar não trazia inquietações. (QUEIRÓS, 2004, p.14)

O narrador ainda guarda o olho de vidro do avô. O menino que percorre os caminhos de Bom Destino, por meio da fantasia de rememorar a cidade pequena e plana, cansada de tanta paz, em que o tempo parece escorrer mansamente. Ricoeur (2007), afirma:

[...] enquanto passada, a coisa lembrada seria uma pura *Phantasie*, mas, enquanto dada de novo, ela impõe a lembrança como uma modificação *sui generis* aplicada à percepção; sob esse segundo aspecto, a *Phantasie* poria em 'suspenso' a lembrança, a qual seria, por causa disso, mais simples que o fictício. Teríamos, assim, a sequência: percepção, lembrança, ficção. (RICOEUR, 2007 p. 65).

O avô reina misterioso: com o olho direito, via o sol, a luz, o futuro, o meio-dia, e, com o olho esquerdo, via a lua, o escuro, o passado, a meia-noite; o neto fascinado embrenha-se no mistério como quem não vê, que é o jeito de menino ver.

Jamais pedi ao meu avô que me levasse como ele em seus passeios pela tarde. Não pensava em invadir seu destino nem destrancar seu coração. Percebendo minha cumplicidade, ele se aproximava de mim e passava a mão em minha cabeça, como se benzendo ou abençoando meus pensamentos. Meu avô estava sempre me lendo! (QUEIRÓS, 2004, p.31)

Assim, o filósofo Paul Ricoeur (2007), explora o esquecimento como integrante do processo memorialístico diante de dois argumentos: a ameaça à fenomenologia da memória e à epistemologia da história e uma figura da "memória feliz". Em *O olho de vidro do meu avô*, aos poucos, o leitor pode recolher aqui e ali fragmentos da história do avô através dessa memória feliz

guardada pelo garoto. O menino narrador fala que o avô receitava remédios homeopáticos, tinha sete filhos, um outro amor, mas há um momento muito doloroso para o narrador que é desaparecimento do avô. Este momento é para ele difícil de ser esquecido. Sobre o esquecimento Ricoeur (2007), afirma,

[...] de um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, ao esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 427).

Desse modo, Ricoeur (2007) mostra a ideia “de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (p. 142). E comprova em seus argumentos uma preocupação cada vez maior com a fundamentação de uma teoria da imaginação produtora e sua conseqüente re colocação na filosofia contemporânea.

Assim, o amparo das lembranças no projeto estético de Bartolomeu Campos de Queirós é tecnicamente comprovado por meio de enredos que desvelam a memória. O escritor compõe o time de escritores que trazem a ludicidade, a poesia, as metáforas e imagens em suas narrativas.

4.2 A casa e seus micro-espços: refúgios da memória

A poética do espaço de Gaston Bachelard (2008) faz alusão ao espaço feliz, à ligação intrínseca entre memória e imaginação, além de afirmações de que os lugares encarnam as experiências vividas, reconhecendo as íntimas relações entre lugar e indivíduo, entre lugar e memória.

Através de experiências que se apegam aos lugares, a resgatar a memória do lugar, pois, o lugar encarna o instante vivido. Lembramos que o espaço convida a ação, e antes da ação a imaginação trabalha.

Nesse sentido, nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, a casa guarda as referências, é algo que enquadra as lembranças do personagem, onde se alojam recordações de um menino, expressam-se acontecimentos e sentimentos. Nas obras, os protagonistas recortam passagens vivenciadas nos espaços da casa, como os quartos, a cozinha, as paredes, os cômodos, os móveis e objetos. A casa é um lugar que acolhe e protege o

narrador. “Relação da imagem poética e de um arquétipo adormecido no fundo do inconsciente” (BACHELARD, 2008, p. 02)

A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa. (BACHELARD, 2008, p.36)

Em *Por parte de pai*, a casa do avô que também servia de livro para o menino, ia, naturalmente, tendo a função de um diário. A escrita do avô estimula a imaginação e a capacidade do menino, pois é repleta de desenhos e palavras.

Todo acontecimento da cidade, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. A história do açúcar sumido durante a guerra estava anotada. Eu não sabia por que os soldados tinham tanta coisa a adoçar. [...]. E a casa de corredor comprido, ia ficando bordada, estampada de cima a baixo. As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página (...). Conversa mais indecente ele escrevia bem no alto. Era preciso ser grande para ler, ou aproveitar quando não tinha ninguém em casa. (...). Enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede. A casa do meu avô foi o meu primeiro livro. (...) Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. (QUEIRÓS, 1995, p.19)

Todo dia, acontecimentos eram registrados ao pé das paredes; se houvesse alguma notícia impressionante, ele escrevia bem no alto. Ensinou ao neto que o mundo podia ser escrito.

Enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede. A casa do meu avô foi meu primeiro livro. Até história de assombração, tinha. Era de Maria Turum, preta que foi escrava, não sei se veio de navio negreiro, e ajudou a criar os filhos. Antes de morta, já tinha bicho no corpo de tanto ficar na cama, fraca, inválida, velha. Eu olhava para ela e pensava que viver era encolher, diminuir, subtrair. Cada dia ela ficava menor. Sua alma costumava passear no terreiro em noites de sextas-feiras, assustando cachorros, gatos, galinhas. Andava também pelo corredor da casa, rangendo as tábuas do assoalho, implorando missa. (QUEIRÓS, 1995, p.12-13)

Quem morreu, adoeceu, as visitas, o assunto conversado e a hora. As histórias indevidas eram escritas no alto, assim só quem já tivesse altura e idade as poderia ler. Tinha histórias sobre Maria Turum, negra escrava que antes de morrer já tinha vermes no corpo de tanto ficar deitada. O neto só parou de fazer

xixi na cama, quando Joaquim ameaçou escrever a história na parede. Na parede da copa, ficava o relógio em forma de oito. Joaquim dava corda de meia em meia hora.

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela soprava um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas, dependuradas em cabides na parede, se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha me arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a pera de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia as coisas em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, o rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante, a capa “Ideal” cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço. (QUEIRÓS, 1995, p. 17)

Nesse sentido, são locais como o quarto, a sala, a janela, capazes de despertar a trajetória do menino como ser humano, descortinando os enigmas da vida e evidenciando a fragmentação de suas lembranças.

O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o cão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva. (BOSI: 1994, p.435)

Contudo, o espaço expressa muito das características culturais, sociais, religiosas, entre outras, de quem o ocupa, numa relação mútua de transformação. Assim, o indivíduo interfere e transforma o espaço de acordo com suas concepções. Do mesmo modo, o espaço pode alterar a percepção das lembranças, interferindo nas memórias, mesmo que de forma involuntária. No estudo de Halbwachs (2006), evidencia-se a reflexão sobre:

a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2006, p. 189).

Nesse aspecto, a casa, nas obras aqui estudadas é um espaço agregador das lembranças do narrador personagem, é também um lugar pacífico e

acolhedor, gerador de memória. Acolher, proteger, envolver são também funções da casa. Os personagens de uma narrativa também são influenciadores do espaço.

Fator determinante que influencia o espaço de intimidade, sejam eles acolhedores ou degradantes, nesses espaços, torna-se possível mostrar a forma como cada personagem se comporta como é o caso do menino-narrador em *Por parte de pai*, quando menciona as paredes da casa do avô.

Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. Sua letra, no meio da noite, era a única presença viva, acordada comigo. Cada sílaba um carinho, um capricho penetrando pelos olhos até o passado. Meu avô pregava todas as palavras na parede, com lápis quadrado de carpinteiro, sem separar as mentiras das verdades. Tudo era possível para ele e suas letras. Não ser filho do meu pai era perder meu avô. O pesar estava aí. E se isso estivesse escrito no teto, em alguma parte bem alta da casa onde eu só pudesse ler depois de grande? Eu sabia os poderes do Pai, o silêncio do Filho, sem conhecer o Espírito Santo. (QUEIRÓS, 1995, p.19)

Nas duas narrativas de Bartolomeu Campos Queirós, a casa dos avós é um lugar de intimidade, de proteção e acolhimento. A casa permite o sonho e o uso da imaginação do menino-narrador. É na casa que aconteciam as muitas tentativas do neto de decifrar o mistério do avô. Misturando realidade e fantasia, o avô buscava lugares nas paredes da casa para despejar suas histórias e torná-las mágicas para o neto. A imaginação do avô ia longe. Através da imaginação, o neto acreditava que o avô conseguia alcançar o miolo das coisas.

A casa é um ambiente marcante, por abrigar as cenas vivenciadas pelo narrador. A construção das narrativas é estabelecida por meio do espaço inteiro da casa, sendo fator determinante para a compreensão do enredo. O ambiente repercute na vida das personagens e dão a elas uma sensação de pertencimento.

É evidente a representatividade da casa em *Por parte de pai*. O menino compartilha com os avós esta morada que acomoda seus hábitos, medos e anseios. Como um lugar protegido, é ao lado dos avós que ele procura o entendimento sobre a vida.

Em *O olho de vidro do meu avô*, a relação que o infante-narrador mantém com a casa é também valorativa. Nesse espaço, o neto e os avós constroem uma relação de afeto mútua, estabelecendo uma sensação de proteção. Na fala

do narrador, em alguns momentos, é possível perceber que a casa ganhava vida com presenças e ausências. Em *O olho de vidro do meu avô*, o garoto rememora as lembranças da época em que vivia os avós.

Poucas vezes, estive na casa de meu avô. Nunca por longo tempo. Chegava e brincava de não querer saber de nada e acabava sabendo de tudo. Eu era curioso e guardava cada minúcia na memória. Coisas no princípio confusas, eu só vim costurar mais tarde. A memória é uma faca de dois gumes. Ela guarda fatos que me alegram em recordar, mas também outros que desejaria esquecer, para sempre. A memória é como cobra: morde e assopra. (QUEIRÓS, 2004, p.17).

A casa é um lugar de descobertas, em alguns momentos, descrita de acordo com o estado de espírito das personagens. A função caracterizadora do espaço revela uma atmosfera tranquila e silenciosa. A presença dos objetos refletem a vivência das personagens.

A casa do meu avô era silenciosa. Todas as palavras tinham sido ditas. Nada mais mudava do lugar. Mesmo no escuro se podia encontrar uma agulha na gaveta do criado que também era mudo. Uma casa sem palavras é uma casa vazia. Palavra povoa tudo. Corta o silêncio e, aonde chega, fica. Se a gente escreve, pode apagar, mas, se falamos, fica impossível recolher as palavras. Palavra não nasce em árvore, ela brota no coração. A gente sabe que ela tem cor, porém cada uma guarda uma ilusão. No alpendre da casa do meu avô havia três borboletas presas, a parede. Suas asas eram de louça dura. Elas não partiam. Para voar é preciso asas leves e muito vazio pela frente. Para falar é preciso ter o que dizer. (QUEIRÓS, 2004, p.34-35).

Desse modo, o narrador de *O olho de vidro do meu avô* transforma suas reminiscências, marcadas pelo seu olhar sobre o avô e reflete a construção de sua subjetividade: “O tempo foi acomodando o desaparecimento. A dúvida passou a ser a única verdade. E como a dúvida doía” (2004, p. 45). Realiza uma viagem às suas memórias que conduz a panoramas situados no passado da casa desse avô materno, mas chamados pela herança situada no presente em que vive, como forma de reivindicação do amor.

O espaço tem um papel importante para o entendimento comportamental do personagem e suas ações na narrativa. Segundo Bachelard (2008, p. 62), o passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que, não raro, interferem, às vezes, opondo-se; às vezes, excitando-se mutuamente.

Os móveis são elementos que contribuem para a compreensão dos personagens, a maneira como eles se dispõem no espaço da casa favorecem

aspectos da personalidade dos personagens. Em *Por parte de pai*, por exemplo, é possível perceber que a janela da casa do avô aparece como uma tela, onde os acontecimentos passam e são descritos com riqueza de detalhes pelo narrador.

Joaquim quase não mais saía. Usava todas as janelas d casa, apreciando os quatro cantos do mundo, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, um novo vento, uma nova lembrança. Havia tanto mundo para ver, dava até preguiça, dizia ele. Uma coisa meu avô sabia fazer: olhar. Passava horas reparando o mundo. Às vezes encarava um ponto no vazio e só desgrudava quando transformava tudo em palavras nas paredes. Ele não via só com os olhos. Via com o silêncio. Antes, ele visitava os filhos em caso de nascimento, aniversário, batizado, doença. Embrulhado num guarda-pó – o trem soltava faíscas – e com a mala enrolada em capa branca, ele não tirava o pé da estrada, junto com minha avó. Ele jogava a culpa nela, dizendo que Maria só parava dentro de um trem andando. (QUEIRÓS, 1995, p. 25).

Nota-se que a memória não é constituída apenas por sua relação com o tempo, mas também por sua relação com o espaço. Halbwachs (2006, p. 157) ensina que “as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu”, sendo assim, os espaços habitados e os objetos que nele se inserem constituem a subjetividade dos sujeitos.

No empenho da memória, o narrador mostra dores antigas e se descobre ainda alheio aos acontecimentos diversos: “Coisas, no princípio confusas, eu só vim costurar mais tarde. [...]. A memória é como cobra: morde e assopra” (QUEIRÓS, 2004, p. 17).

Halbwachs (2006) assevera que não há memória que não se desenvolva dentro de um espaço. Este é o lugar de produção de memória pela simbologia que lhe é impregnado. O homem estabelece uma relação com o espaço que envolve a própria formulação de pensamentos.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço [...] que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Dessa maneira, a memória coletiva engloba a memória do grupo vivenciada em um dado lugar, e o modo como cada componente com ele se identifica. Acrescenta o sociólogo que o grupo é portador da memória e esta é aprovada mediante as relações que estabelece dentro do próprio grupo. É no contexto dessas relações, que são construídas as lembranças e elas estão impregnadas das memórias, de maneira que, ainda que não se esteja em presença destes, o lembrar e as maneiras como se percebe o que cerca constitui-se a partir do emaranhado de experiências.

A memória é compreendida através de um sentimento de ternura pelo menino, ao passo que o descreve, de modo que tudo no infante-narrador desperta uma quase necessidade de amá-lo e nos compadecermos com suas agruras infantis.

Nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos Queirós, há recorrências que figuram na memória como artífice das experiências vividas. O passado, tempo que divaga por entre cômodos e refúgios, redimensiona os lugares de um tempo e de suas imagens em eternos presentes.

Quando visitei sozinho e pela primeira vez a casa de meu avô, todos já estavam crescidos. Eram filhos criados com trabalhos dobrados. Para não ficar só, eu vencia o tempo sempre perto de alguém. Mais tarde descobri que meu avô vivia entre todos, mas sempre num deserto. Minha avó, casada há tantos anos, continuava numa forçada solidão. Nem sempre estar perto é estar acompanhado. Até a casa cheia de janelas e portas, parecia dormir um sono profundo e infinito. (QUEIRÓS, 2004, p.41).

O narrador de *O olho de vidro do meu avô* está revisitando a casa, com isso ele retoma o espaço muito tempo depois. Assim, todo o espaço da infância é repleto de retalhos que reconstroem o 'eu-menino' que se revela no infante-narrador, na deflagração da "infância sempre maior que a realidade" (BACHELARD, 2008, p.35). Assim, o espaço-infância mostra o tempo vivido, e é "exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios, que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós. (BACHELARD, 2008, p. 26)

Em cada linha, temos fragmentos do cotidiano valorizados pelo aspecto experiencial. O leitor é deslocado para imaginação do narrador, convidado a habitar nos cômodos e esconderijos da 'casa-lembrança', onde estão guardados

os segredos: “Mesmo quando estão para sempre riscados do presente, doravante estranhos às promessas de futuro, (...) ficará para sempre o fato de que se amou um sótão, de que se viveu numa mansarda.” (BACHELARD, 2008, p. 29).

Bachelard (2008) atribui ao espaço uma noção privilegiada. O teórico alerta que “mesmo quando um poeta menciona uma dimensão geográfica, sabe por instinto que essa dimensão é lida localmente porque está enraizada num valor onírico particular”. (2008, p. 192) De tal modo, entendemos que os espaços inscritos ressaltam simbologias de uma relação estreita com os tempos presente e passado que se fundem e são percebidos pela memória.

Dos lugares estudados por Bachelard (2008), a casa tem uma áurea especial, ela é o nosso canto do mundo, abriga o devaneio. A casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. É possível ainda que, como espaço vivido de imagens da intimidade, a casa é o princípio da integração psicológica onde “não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão alojados, ou seja, “aprendemos a morar em nós mesmos”. (BACHELARD, 2008, p. 26)

Segundo Bachelard (2008, p. 35), “habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia”. Em PPP e OVMA de Bartolomeu Campos Queirós, a casa recupera a doce infância. Então, unem-se o hoje e o ontem, o homem e o menino, fundindo o que o tempo distanciou. “A casa mantém a infância imóvel” (BACHELARD, 2008, p. 27). A exploração dos esconderijos da alma e do tempo leva ao retorno do lugar simbólico. Isso remonta à busca pela compreensão do eu, do encontro consigo mesmo.

Portanto, é possível perceber que a escrita de Bartolomeu Campos Queirós, em *Por parte de pai* e em *O olho de vidro do meu avô*, estão permeadas em micro-espacos que agrupam lembranças da infância. A casa é referência e ganha destaque por guardar as memórias do menino narrador e os aprendizados passados pelos avós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória implica o registro de fatos, associados à imaginações, já que o vivido não pode ser retomado de forma idêntica. É uma construção que, muitas vezes, através de metáforas codifica acontecimentos, traumas, medos e anseios. A memória não apenas guarda, mas opera constantemente sobre os atos e, de forma involuntária, transforma vivências em arquivos com resoluções diferentes. Ela permite que o indivíduo reviva situações mas com alterações. Ainda assim, a lembrança tem a capacidade de resistir no tempo, submerso por acontecimentos que compõem o presente.

A literatura de Bartolomeu Campos Queirós abrange temas dos mais variados, envolve, sobretudo, uma escrita memorialística expressa em prosa poética. A memória em suas narrativas une o adulto ao passado, evidenciando a forma como se dá a construção do ser social, definindo também sua identidade. Desse modo, negar o papel da memória é romper com a condição humana, é pensar de maneira linear e romper com o sentido não linear da existência, não tendo exata consciência sentimentos, afetos, emoções, gostos, caráter.

Essa ancoragem na memória tem sua relevância destacada com muita sensibilidade na narrativa memorialística de Bartolomeu Campos Queirós. As lembranças são trazidas à narrativa por meio dos sentidos, dos afetos, dos sentimentos, e não conforme sua cronologia. As vivências pretéritas e os personagens ganham forma a partir de impressões visuais, cores, texturas, emoções, dor, prazer, sabores, aromas e cantigas.

A memória, a história e os relatos por ela possibilitados, além de guardar o passado, permite o acesso ao conhecimento de si e dos outros. O passado ressurgiu como um elemento que condiciona e humaniza o indivíduo. Em Bartolomeu Campos Queirós a memória que traz o passado é o resultado de um processo, um diálogo constante, capaz de evidenciar a relação biológica e afetiva que liga a personagem aos antepassados e ao processo social. O exercício da memória e a consciência relativa à ancestralidade permitem compreender o homem em todas as suas dimensões, assim também se percebe nas obras *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*, de Queirós. A compreensão de si mesmo torna-se necessária ao entendimento dos mecanismos que fazem do ser humano um ser histórico.

A análise das duas obras permitiu constatar como a prosa memorialística de Bartolomeu Campos Queirós consiste em um exercício de escrita poética, afetiva que entrelaça espaço, personagens, vivências da infância com beleza plástica e sensibilidade, comprovando as qualidades literárias que determinam o seu lugar de destaque na literatura brasileira. Rememorar, por sua vez é relemburar, lembrar novamente, voltar a lembrar e recordar mais uma vez. É também incitar uma lembrança, fazer lembrar e despertar uma memória, uma ideia, um pensamento. A rememoração é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que permite remontar os acontecimentos mais recuados da infância. O processo de rememoração geralmente é espontâneo e, por mais que, em certas situações, doloroso, é parte fundamental para exorcizar traumas, medos, culpas e conflitos que paralisam as atividades humanas.

As lembranças da infância aparecem como componente decisivo na escrita de Queirós. Essas lembranças são determinantes porque desencadeiam o processo narrativo, elaborado a partir do que foi mais significativo nas relações afetivas que o menino estabeleceu com os familiares (adultos) em sua infância.

A narrativa desenvolvida, nas duas obras, apresenta feições poéticas, não apenas por conta das imagens construídas pela escrita, mas também pelo recorte sentimental na rememoração do fatos pelo que resgata e expressa com sensibilidade a infância, construindo uma narrativa cuja beleza ancora-se ao mesmo tempo na poesia e afetividade. Diante disso, foi possível comprovar que a memória individual é possível por intermédio da memória coletiva e que as lembranças da infância se justificam por uma corrente de pensamento coletivo.

As lembranças estão intimamente ligadas ao espaço. O trabalho com lembranças de modo subjetivo oferece um meio eficiente de vincular o ambiente em que o menino-narrador viveu. A memória aparece como recuperação desse passado. *Em Por parte de Pai e o Olho de vidro do meu avô* os narradores revivem as experiências da infância na casa dos avós, fazendo uma volta ao passado através de lembranças. Estas narrativas memorialísticas estão em primeira pessoa e desenvolvem uma prosa profundamente poética que, buscando o ponto de vista e a voz do menino de anos atrás, percorrem a vida e os personagens que um dia habitaram a infância, em que os avós eram figuras decisivas em sua vida. São narrativas não lineares, mas *rizomáticas*, evidenciando lembranças trazidas à narrativa não segundo sua cronologia, mas

através de memórias dos sentidos e dos afetos despertados. As experiências vividas e os personagens do passado vão se desenhando através de impressões visuais, aromas, sabores, cantigas, cores, texturas, emoções de dor ou prazer. Percebe-se que a beleza estampada na memória dos narradores de *Por parte de pai* e *O olho de vidro de meu avô* relaciona-se aos afetos.

Acerca da fortuna crítica da obra de Bartolomeu Campos Queirós constatamos sobre o escritor e o universo infantil de suas obras. É importante destacar que Queirós se mostra coerente e fiel a um projeto de escritura que descreve a infância nas suas experiências que qualificam a memória. Na produção de Queirós deve-se considerar que tratam de forma intensa a relação crítica com o leitor e com a literatura.

Evidenciou-se na produção literária de Bartolomeu Campos Queirós a valorização da memória e como isso confere um caráter especial aos seus textos e, ao mesmo tempo, recebe um tratamento especial nos enredos, onde a grande sensibilidade dos narradores concilia-se à beleza das imagens produzidas na dinâmica da leitura.

As construções narrativas organizam-se em torno do espaço da casa, ambiente gerador de sentimento de pertencer ao lugar, o que contribui para a formação do infante-narrador. Este espaço é capaz de favorecer às narrativas o estímulo às lembranças. O afeto dispensado ao espaço da casa transforma o infante-narrador, permeando seus pensamentos e lembranças rememoradas e contadas nas obras aqui analisadas.

Há nas duas obras uma interação entre memória e espaço. Nesse percurso, foi possível identificar o espaço como fator mobilizador. Por sua vez, os fatores motivadores dos espaços, que são a casa dos avós maternos em *Por parte de Pai* e dos avós paternos em *Olho de vidro do meu avô*, são as relações afetivas entre as personagens e, ao mesmo tempo, a forma como elas interagem com o ambiente: a casa e seus recintos.

A casa é importante no processo de rememoração, é considerada um espaço que guarda as referências do menino-narrador. A obra *O olho de vidro do meu avô* conta sobre os sentimentos vivenciados na casa, em que um neto e o avô vivem uma relação sentimental com o olho de vidro de seu avô materno, desencadeando a função do objeto: como era ver o mundo pela metade, por onde seu avô viajava durante o tempo que mantinha os olhos fechados. Naturalmente, o que foi afetivamente saudável e despertou bons sentimentos,

dentro do espaço familiar, está intimamente ligado ao que se tem de mais belo e significativo na narrativa.

Na obra *Por Parte de Pai*, a memória traz para a narrativa com maior destaque, justamente os personagens com os quais a relação sentimental é mais intensa. A lembrança do avô paterno mostra completamente o espaço da casa e as vivências aí estabelecidas. Tal era a relação de afeto que lhe causava dor a dúvida quanto a ser filho do pai e, conseqüentemente, não ser neto de Joaquim.

Desse modo, o espaço torna-se significativo para a memória em função dos relacionamentos que abrigam e das ações nele realizadas, como por exemplo, o fato de o avô paterno realizar registros nas paredes da casa em *Por parte de Pai* e a vivência do infante-narrador com o olho de vidro, na casa dos avós maternos em *Olho de vidro do meu avô*.

Desse modo, as casas, com seus aposentos e os objetos que as compõem pôde mostrar como a caracterização do espaço se associa às personagens. *O olho de vidro do meu avô* e *Por parte de pai* mostram o amparo das lembranças por meio de suas habitações. A casa e seus micros-espços são refúgios da memória. É possível perceber que as habitações das narrativas aqui analisadas possuem funções, caracterizam e contextualizam a ficção dessas obras. Compreende-se que o espaço habitado das narrativas é essencial no desenrolar da trama.

Porém, a reelaboração do espaço para os infantes-narradores constitui uma forma de compreensão de sua construção identitária, atrelada à história individual. Assim, *Por Parte de Pai* e *O olho de vidro do meu avô* são memórias renitentes que compõem um quadro de amparo às lembranças da infância.

Por fim, ao término deste estudo pudemos verificar a relação existente entre o narrador e seu espaço de intimidade, a casa, pois através das análises foi possível perceber que a forma do espaço reflete diretamente no estilo da narrativa.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, St. **Confissões**. 2 ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2006. (Coleção Os pensadores).

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Ática, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da memória: quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

CÂMARA, Francielly, **A causa material em O Olho de vidro do meu avô: a quadrilogia da matéria**; 2016. 85f. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de Ficção**. São Paulo/SP: Perspectiva, 2009.

FNLIJ, Sessão Brasileira Internacional Board on Books for young people, Dossiê – **Bartolomeu Campos de Queiroz – 1944 - 2012**, Notícias 4. Abril, 2012.

FREUD, Sigmund. **Lembranças encobridoras**. In: Obras psicológicas completas: edição standard brasileira. vl III, 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JORNAL RASCUNHO, Paiol Literário. Ed. 135. Curitiba, Jul. 2011.

JOSÉ, Elias. **Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo** – São Paulo: Paulus, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2003.

LIMA, M.M. Soares de; PEREIRA, Jaquelânia A. **“A infância poética em Bartolomeu Campos de Queirós: uma leitura de Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. In: PINHEIRO, H. PEREIRA, J. A e NETO, M.A. (orgs). *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.

PESSÔA, Augusto. Histórias de Bartô: uma homenagem a Bartolomeu Campos de Queirós. Rio de Janeiro: Escrita Fina. 2013. 64p.

QUEIRÓS. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Organizado por Júlio de Abreu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção conversas com o Professor)

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

REVISTA PALAVRA, **Sesc Literatura em Revista**. INNS: 2178.143; Ano 4; Julho/2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **LITERATURA E MEMÓRIA ENTRE OS LABIRINTOS DA CIDADE: representações na poética de Ferreira Gullar e H. Dobal**. – São Luís: Editora UEMA, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SARLO, Beatriz. Retórica testemunhal. In:_____. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. De Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, Belo Horizonte, UFMG, 2007

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011